DENTRO DA RUKH

RUDYARD
KIPLING

Um conto de
O LIVRO DA SELVA

• 1893 •

Distribuição gratuita / Texto Integral

DENTRO DA RUKH

Rudyard Kipling

Conto “In the Rukh” publicado originalmente na obra *Many Inventions* (1893).

Dentro da rukh [1]

O filho único deita-se novamente sonhando ter sonhado um sonho.

A última cinza do fogo já minguado caiu com uma faísca e um estalo,

E o filho único acordou chamando no escuro por seu embalo:

“Será então que eu nasci do ventre de uma mulher e repousei em colo materno?

Apesar disso, sonho descansar naquela toca, esconderijo bagunçado e fraterno.

Será então que nasci do ventre de uma mulher e descansei nos braços de um pai?

Apesar disso, sonho estar protegido por longas presas brancas de animais.

Eu nasci do ventre de uma mulher, onde brincava sozinho?

Apesar disso, sonho com dois amigos que me mordem com carinho.

Será que mergulhei o pão com manteiga no café com leite?

Apesar disso, sonho um menino recém-chegado do estábulo e cheio de apetite.

Falta uma hora, só uma hora para que a lLua apareça…

Mesmo assim já vejo os telhados das casas negros à beça!

Uma légua de distância até as quedas de Lena, onde o sambar vai matar sua sede,

Daqui ouço o pequeno cervo balindo, pedindo que sua mãe o aconchegue!

Uma légua de distância até as quedas de Lena, onde horta e selva são amigos,

Sinto o aroma do vento morno, assobiando segredos por entre o trigo!”

O filho único

Das engrenagens do serviço público que gira por baixo do governo da Índia não existe outra mais importante do que a do Departamento de Matas e Florestas. O reflorestamento de toda a Índia repousa em suas mãos — ou repousará, quando o governo puder investir. Seus funcionários enfrentam severas tempestades de areia e dunas ambulantes. Impedem seu avanço sufocando-as com placas de grama e estacas de pinheiros de acordo com as regras de Nancy. [2] Eles são responsáveis por toda a lenha das florestas estaduais da Cordilheira do Himalaia, bem como pelas encostas dilapidadas que as monções açoitam e transformam em gargantas ressecadas e barrancos erodidos. Cada ferimento na terra é uma boca denunciando do que o descaso é capaz. Fazem testes com batalhões de árvores estrangeiras, forçando o eucalipto de seiva azul a enraizar e, quem sabe, secar o canal onde as febres proliferam. Nas planícies, a maior parte das tarefas é manter os cinturões guarda-fogo das reservas florestais sempre limpos. Assim, quando a seca chegar e o gado estiver faminto, é possível abrir as reservas para os rebanhos dos camponeses, permitindo até que colham alguma lenha. Eles podam, cortam os galhos e depois os armazenam nas reservas de carvão ao longo das ferrovias que ainda utilizam essa fonte de energia. Calculam o lucro dos reflorestamentos até cinco casas decimais. Eles são os médicos e parteiras das grandes florestas de teca [3] da Burma Superior, da borracha das selvas orientais e das nozes do sul. No entanto, estão sempre em dificuldade por falta de fundos. A incumbência de um supervisor florestal o leva para longe das estradas de terra batida e postos fixos. Por isso, ele logo aprende a sabedoria que está além do folclore da mata. Acaba conhecendo os povos e as leis da selva. Se depara com tigres, ursos, leopardos, cães-selvagens e

todos os cervos não apenas de vez em quando, mas com regularidade enquanto executa suas tarefas. Passa muito tempo na sela e nas cabanas — é amigo das árvores recém-plantadas, parceiro de patrulheiros grosseiros e de guias nativos — para chegar até as matas, que retribuem o cuidado recebido e depositam sua marca sobre ele em reconhecimento. Enfim, ele não canta mais as tolas canções que aprendeu em Nancy. Torna-se cada vez mais calado. Nele, surge o mesmo silêncio que há na mata.

Gisborne, do Departamento de Matas e Florestas, já estava no serviço há quatro anos. A princípio, adorava tudo sem questionar. O trabalho o levava ao campo aberto, sempre no lombo de um cavalo, e lhe conferia autoridade. Depois, passou a odiar tudo furiosamente. Ao ponto de trocar todo seu salário anual por um mês do convívio social que a Índia pode oferecer. Porém, essa crise já terminou. As florestas o puxaram de volta e ele novamente está feliz em servi-las, aprofundando e alargando as linhas de incêndio, olhando para o verde vicejante da sua nova plantação contra a velha folhagem, dragando os riachos entulhados e seguindo a floresta até seu último suspiro, dando-lhe forças mesmo onde ela se espraia e morre junto ao capim alto dos pastos. Em um dia tranquilo, essa grama pegaria fogo e centenas dos animais dali fugiriam das chamas pálidas em pleno sol do meio dia. Depois, a floresta avançaria sobre o terreno enegrecido com novas mudas desenhando formas no chão. Gisborne, observando, ficaria feliz. Seu bangalô, uma cabana de madeira pintada de branco, teto de sapé e dois quartos, ficava em um platô, num dos cantos da vasta *rukh* . Ele sequer tinha a pretensão de cultivar um jardim porque a *rukh* chegava até sua porta, fazendo um redemoinho

numa touceira de bambu. Era possível ir da varanda até o coração da *rukh* sem precisar de uma charrete.

Abdul Gafur, seu obeso mordomo maometano, cuidava dele quando estava em casa. O resto do tempo, Gafur gastava fofocando com o pequeno bando de funcionários nativos cujas cabanas ficavam atrás do bangalô. No total eram dois criados, um cozinheiro, um carregador de água e um faxineiro. Gisborne limpava suas próprias armas e não tinha cachorro — cães espantam animais silvestres. Sentia-se o rei da *rukh* e gostava de saber exatamente onde seus súditos, os animais, bebiam água à luz da lua, comiam antes do amanhecer e ficavam deitados nos dias de calor. Os patrulheiros e os guardas florestais moravam em pequenas cabanas mais para dentro da *rukh.* Apareciam apenas quando um deles se machucava ao cair de uma árvore ou sofria ferimentos após o ataque de um animal selvagem. Gisborne ficava sempre só.

Na primavera, a *rukh* produzia poucas folhas novas e continuava ressecada, esperando pelas primeiras chuvas do ano. Era nessa época que os uivos e rugidos no escuro da noite ficavam mais fortes: o tumulto da batalha real entre os tigres, o mugido de um cervo arrogante ou o som contínuo de fricção na madeira quando um velho porco-do-mato afiava suas presas. Gisborne deixava de lado sua já pouco usada arma. Para ele, era um pecado matar. No verão, em meio aos furiosos calores de maio, a *rukh* transpirava névoa. Gisborne ficava atento à primeira espiral de fumaça que denunciaria um incêndio na floresta. Depois, vinham as fortes chuvas e a *rukh* ficava coberta por diversas camadas de neblina morna. Nessas noites, as folhas largas soavam como tambores tocados por grandes gotas de

chuva, a água corria nos riachos, coisas verdes e suculentas rangiam com o vento, os relâmpagos faziam desenhavamos no céu por trás das folhagens. Por fim, o sol nascia novamente e as bordas esfumaçadas da *rukh* se erguiam em direção ao céu límpido. Depois, o calor e o frio seco suavizavam e deixava tudo cor de tigre. Assim, a *rukh* monstrava para Gisborne que estava muito feliz. O pagamento vinha todos os meses, mas o supervisor florestal quase não precisava de dinheiro. As notas se acumulavam na mesma gaveta onde ele guardava as cartas de sua família e sua reparadora de cartuchos. Se ele gastava algo, era para comprar mudas do Jardim Botânico de Calcutá ou para dar à viúva de algum patrulheiro morto uma indenização que o governo da Índia nunca aprovaria.

Dinheiro era bom, mas a vingança também. Gisborne sempre a praticava quando podia. Numa noite entre tantas outras, um mensageiro, resfolegando e tossindo, trouxe a notícia de um guarda florestal morto próximo ao riacho Kanye. O lado de sua cabeça fora esmagada como uma casca de ovo. Gisborne saiu logo pela manhã no encalço do assassino. Apenas viajantes e poucos jovens soldados são reconhecidos como grandes caçadores. Oficiais florestais encaram as *shikar* [4] como parte do trabalho e só. Gisborne caminhou até o local do assassinato: a esposa chorava sobre o cadáver, estirado sobre uma maca. Alguns homens procuravam por pegadas no chão úmido.

— Isso é coisa do Vermelho — disse um deles. — Eu sabia que logo atacaria um homem, mesmo com tanta caça por aí. Eu sabia. Fez isso só de maldade.

— O Vermelho fica lá nas pedras atrás das árvores-sal — disse Gisborne, que sabia de qual tigre desconfiavam.

— Não está mais, *sahib.* [5] Já foi. Agora está rondando e matando sem rumo. Lembre-se de que a primeira morte sempre vem acompanhada de mais duas. Sangue humano os deixa loucos. Talvez até esteja atrás de nós enquanto conversamos.

— Talvez foi para a próxima barraca — disse o outro —, fica a menos de a uma légua daqui. Por Deus! Quem vem lá?

Gisborne virou-se ao mesmo tempo que os outros. Um rapaz descia pelo leito seco do riacho com apenas um pano no quadril e coroado com um lindo arranjo de trepadeira e cachos de flores. Caminhava tão silenciosamente sobre os seixos que até mesmo Gisborne, acostumado à pisada macia dos trilheiros, se assustou.

— Foi o tigre — disparou sem cumprimentar. — Foi beber água e agora dorme embaixo de uma pedra depois daquela colina.

Sua voz era tão clara que soava como sinos, muito diferente do choramingo usual dos nativos. Quando ele levantava o rosto para o sol, parecia um anjo perdido naquela mata. A viúva parou seu lamento ao lado do defunto, encarou o estranho com os olhos arregalados para, no momento seguinte, retomá-losrnar aos seus lamentos com o dobro do empenho.

— O *sahib* quer ver? — perguntou amistoso.

— Se você tem certeza… — disse Gisborne.

— Tenho. Muita. Eu o vi há menos de uma hora… aquele cão. Ainda é cedo para ele começar a comer gente, mas há uns dez dentes bons naquela boca maldita.

Ajoelhados sobre as pegadas, os homens se encolheram ainda mais, temendo que Gisborne pedisse que o acompanhassem. O jovem

deixou escapar uma risada sutil para si mesmo.

— Venha, *sahib* — bradou e virou-se para o outro lado, voltando a caminhar.

— Calma. Não ando rápido assim. — disse o homem branco. — Espere aí. Nunca vi você antes.

— Acho que nunca. Sou novo por aqui.

— Veio de qual aldeia?

— Não tenho aldeia. Vim de lá do outro lado — e apontou os braços para o norte.

— Então você é cigano?

— Não, *sahib.* Sou um homem sem casta. Aliás, não tenho pai.

— Do que as pessoas te chamam?

— Mowgli, *sahib.* E qual é o nome do sahib?

— Sou o administrador desta *rukh...* meu nome é Gisborne.

— Como assim? Colocam números nas árvores e nas folhas de grama?

— Quase isso… para evitar que ciganos como você botem fogo nelas.

— Eu? Nada me faria machucar a selva. Ela é minha casa.

Mowgli se virou para Gisborne com um sorriso irresistível e levantou a mão em sinal de atenção:

— Agora, *sahib,* nós vamos em silêncio. Não queremos acordar o cão, embora esteja dormindo pesado. Talvez seja melhor eu seguir sozinho e tocá-lo vento abaixo na direção do sahib.

— *Allah!* Desde quando tigres são tocados pra lá e pra cá como se fossem bois? — disse Gisborne, espantado com a audácia.

Ele riu, novamente amável:

— Desde quando? Então venha comigo e atire nele do seu jeito com esse grande rifle inglês.

Gisborne se embrenhou pela trilha. Se contorceu, rastejou, escalou e corcoveou, passando pelo sofrimento e agonias da espreita na selva. Ele estava corado e pingando suor quando Mowgli finalmente fez um sinal para que visse para uma rocha polida azul logo adiante, à beira de uma pequena lagoa ao pé da colina. Ali estava um tigre deitado, esticado e tranquilo, lambendo sua pata preguiçosamente, do cotovelo até a ponta dos dedos. Era velho, com dentes amarelados e meio sarnento, mas naquela composição da luz do pôr do sol ainda mantinha sua majestade.

Gisborne não abria concessões quando encontrava um comedor de gente. Acreditava que aquilo era uma praga a ser exterminada o mais rápido possível. Esperou que o fôlego voltasse, pousou o rifle sobre a rocha e assobiou. A fera se virou vagarosamente. Era uma distância de pouco mais de seis metros. Gisborne disparou seus tiros, burocraticamente, um no dorso e outro pouco abaixo do olho. Tão próximo estava que por maior que fosse o tigre, jamais seria páreo contra a violência das balas.

— Bem, a pele dele não valia nada mesmo — disse, enquanto a fumaça se dissipava.

O animal continuava deitado, esperneando e engasgando em agonia:

— Morte de cão para um cão — disse Mowgli baixinho. — Pensando bem, não há nada nessa carcaça que mereça ser carregada.

— E os bigodes? Você não tira os bigodes? — disse Gisborne, que sabia o quanto os patrulheiros estimavam essas coisas.

— Eu? Tenho cara de *shikarri* [6] da floresta para me importar com o focinho de um tigre? Que morra. Seus amigos já estão a caminho.

Um milhafre mergulhava do alto, assobiando, enquanto Gisborne ejetava os cartuchos vazios e enxugava o suor do rosto:

— Se você não é um *shikarri,* onde aprendeu tanto sobre o povo-tigre? — perguntou. — Não conheço nenhum guia que fizesse melhor.

— Eu odeio todos os tigres — disse Mowgli secamente. — Pode deixar que eu levo a sua arma, *sahib* . *Arre,* esta é uma beleza. Para onde o *sahib* vai agora?

— Para casa.

— Posso ir também? Até hoje, nunca entrei na casa de um homem branco.

Gisborne voltou para o bangalô com Mowgli caminhando silenciosamente à sua frente. Sua pele escura reluzia sob os raios do sSol.

Ele observou a varanda e as duas cadeiras com curiosidade. Cutucou a cortina de bambu, desconfiado, e entrou, sempre olhando para trás. Quando Gisborne desatou uma das cortinas para proteger o ambiente do sol, ela despencou fazendo uma algazarra. Praticamente antes dela tocar o parapeito, Mowgli já havia saltado para fora, arfando assustado.

— É uma armadilha — disse apressado.

Gisborne riu:

— Homens brancos não prendem outros homens. Parece mesmo que você nunca saiu da selva.

— Entendi — disse Mowgli. — Não é de pegar nem de cair. Eu… eu nunca vi uma coisa dessas.

Entrou de mansinho e arregalou dois olhos enormes sobre a mobília dos cômodos. Adbul Gafur, que servia o almoço, olhou para ele com profundo desgosto:

— Tanto trabalho para comer e para dormir depois de ter comido! — disse Mowgli com um sorriso. — É melhor na selva. Que maravilha. Muitas coisas de grande valor aqui. Será que o *sahib* não tem medo de ladrões? Eu nunca tinha visto tantas coisas maravilhosas.

Ele olhava fixamente para uma empoeirada travessa de latão de Benares. [7]

— Somente um ladrão da selva poderia roubar por essas bandas — disse Abdul Gafur tilintando o prato ao colocá-lo na mesa.

Mowgli esbugalhou os olhos e encarou o maometano de barba grisalha:

— Na minha terra, quando bodes gritam muito, cortamos a goela deles — revidou bem-humorado. — Mas não precisa ter medo. Já estou de saída.

Virou-se e desapareceu para dentro da *rukh.* Gisborne o observou com uma gargalhada que terminou em um pequeno suspiro. Não

havia muitas coisas fora do trabalho rotineiro que distraíssem um administrador florestal. Esse filho da floresta, que parecia conhecer mais sobre tigres do que pessoas sabem sobre cães, tinha potencial para ser um entretenimento.

— Mas que camarada maravilhoso — pensou Gisborne. — Parece uma daquelas ilustrações de dicionários clássicos. Quem dera o contratasse como meu carregador de armas. Não tem graça fazer a *shikar* sozinho. Esse rapaz daria um excelente *shikarri* . Fico me perguntando quem será ele.

Naquela noite, Gisborne ficou fumando sentado na varanda sob as estrelas, ainda maravilhado. Uma nuvem de fumaça se desenrolou do bojo do cachimbo. Quando ela se dissipou, viu Mowgli sentado de braços cruzados na beira da varanda. Nem um fantasma seria tão silencioso. Com o susto, o administrador florestal deixou o cachimbo cair.

— Não tem nenhum homem dentro da *rukh* para conversar comigo — disse Mowgli. — Por isso vim para cá.

Pegou o cachimbo e o devolveu a Gisborne.

— Sei — disse Gisborne, depois de uma longa pausa. — Quais as novidades da *rukh?* Encontrou outro tigre?

— Os nilgós estão mudando de pasto com a lua nova, como é de costume. Por isso, os porcos selvagens foram pastar perto do rio Kanye. Eles não gostam da companhia dos nilgós. Principalmente depois que um leopardo matou uma das suas fêmeas num capinzal perto da nascente. É o que eu sei.

— Como é que você sabe tudo isso? — perguntou Gisborne inclinando-se para frente para ver aqueles olhos que brilhavam à luz das estrelas.

— Como é que eu poderia não saber? Os nilgós têm seu costume. É assim que agemisso o que fazem. Até um filhote sabe que os porcos não pastam junto com eles.

— Eu não sabia disso — disse Gisborne.

— Tsc, tsc! Justo você, que manda em tudo por aqui. Pelo menos, foi o que o pessoal das cabanas me disse… você manda nesta *rukh* inteira — e riu sozinho.

— Não me importo que você invente essas histórias para crianças — retorquiu Gisborne com uma risada forçada. — É fácil dizer que isso e aquilo acontece na *rukh* quando ninguém pode te desmentir…

— Quando à carcaça da porca, posso levar você até os ossos logo de manhã — devolveu Mowgli sem demonstrar nenhuma emoção. — Quanto aos nilgós, se o *sahib* ficar aqui bem quieto, posso trazer um nilgó para cá. Só de ouvir os sons com atenção, o *sahib* poderá deduzir de onde ele veio.

— Mowgli, a selva enlouqueceu você — disse Gisborne. — Quem é capaz de trazer nilgós?

— Quieto… bem quieto. Já volto.

— Céus, o homem é um fantasma! — disse Gisborne, pois Mowgli desapareceu escuridão adentro sem fazer som algum.

A *rukh* se espalha em grandes dobras aveludadas sob a luz das estrelas. É tão silenciosa que a brisa leve que embala a copa das

árvores cria o som do suspiro de uma criança dormindo tranquilamente. Na cozinha, Abdul Gafur empilhava pratos.

— Silêncio! — gritou Gisborne, aprumando-se para ouvir tudo o que alguém acostumado com a quietude da *rukh* é capaz.

Era seu costume manter o respeito próprio apesar da solidão. Por isso, vestia-se para o jantar todas as noites. Seu peitilho engomado rangia no compasso da respiração até que mudou sua posição na cadeira. Depois, quando o tabaco começou a chiar no cachimbo barato, jogou o cachimbo longe. Agora, além da respiração noturna da *rukh,* tudo estava mudo.

De uma distância indefinida escuridão adentro veio o uivo extremamente fraco de um lobo. Então, tudo pareceu ficar em silêncio voltou por longas horas. Finalmente, quando a parte de inferior das pernas já começavam a formigar, Gisborne ouviu o que podiam ser um estalo distante na vegetação rasteira. Ele duvidou até que o som passou a se repetir mais vezes:

— Vem do oeste — murmurou. — Tem algo vindo de lá.

O som foi aumentando — estalo por estalo, batida por batida. Era o ronco de um nilgó fustigado, galopando em pânico sem escolher qual caminho trilhava.

Uma sombra cambaleou para fora da fileira de árvores, refugou e virou-se novamente, ainda roncando. Socando os cascos na terra batida, avançou quase ao alcance de sua mão. Era um nilgó macho, molhado de orvalho, com um cipó enrolado em volta do pescoço e os olhos brilhando contra a luz da casa. A criatura estancou ao ver o homem e disparou, acompanhando a beira da *rukh* até se fundir à

escuridão. A primeira coisa que veio à cabeça confusa de Gisborne foi a ousadia de trazer um grande macho azulado da *rukh* para sua inspeção — fazê-lo galopar dessa maneira em uma noite que deveria ser somente sua.

Uma voz suave em seu ouvido interrompeu seu devaneio:

— Ele veio da nascente do rio, onde liderava seu bando. Do oeste. Agora o *sahib* acredita ou quer que eu traga todo o rebanho para você contar? Afinal, quem manda nesta *rukh* é o *sahib* , certo?

Mowgli sentou-se novamente na varanda, com a respiração um pouco acelerada. Gisborne olhou para ele de boca aberta:

— Como é possível? — disse.

— O *sahib* viu. Eu trouxe o macho… como se fosse um búfalo. Ôa! Ôa! Ele vai ter uma história interessante para contar quando voltar para seu bando.

— É um truque novo para mim. Quer dizer que você corre rápido como um nilgó?

— O *sahib* viu. Sempre que o *sahib* quiser aprender sobre como movimentar os rebanhos, eu, Mowgli, estarei aqui. Esta é uma boa *rukh,* acho que vou ficar.

— Pois fique. Sempre que precisar de uma refeição, meus empregados darão comida a você.

— Sim, que bom, eu gosto de comida cozida — respondeu Mowgli rapidamente. — Eu como cozidos e assados como todo mundo. Eu virei aqui comer da sua comida. Quanto a mim, prometo que o *sahib*

poderá dormir tranquilamente. Nenhum ladrão invadirá sua casa para levar suas riquezas.

A conversa chegou ao fim com a abrupta partida de Mowgli. Gisborne continuou sentando, fumando. O resultado de seus pensamentos foi que, finalmente, havia encontrado em Mowgli o patrulheiro ou guarda-florestal ideal que ele e o Departamento sempre buscaram.

— Preciso dar um jeito de colocá-lo a serviço do governo. Alguém que pode guiar nilgós deve saber mais sobre a *rukh* do que cinquenta homens. Ele é um milagre, um *lusus naturæ* . [8] Quando for capaz de se estabelecer em um lugar fixo, será um verdadeiro guarda-florestal — comentou Gisborne.

A opinião de Abdul Gafur era ainda menos favorável. Antes de dormir, ele contou a Gisborne que estranhos vindos de sabe-se-lá-onde quase sempre são ladrões profissionais. Além disso, ele condenava forasteiros que não sabiam se comportar quando falavam com gente branca. Gisborne riu e fez sinal para que fosse para o seu quarto. Abdul Gafur saiu resmungando. Mais tarde, naquela mesma noite, de alguma forma ele criou uma situação para se levantar da cama e surrar sua filha de treze anos de idade. Ninguém soube explicar a causa do conflito, mas Gisborne ouviu a menina chorando.

Ao longo dos dias que se seguiram, Mowgli aparecia e desaparecia como uma sombra. FoiEstava determinado que sua moradia rupestre ficaria próxima ao bangalô. Às vezes, quando Gisborne deixava a varanda e ia até a beira da *rukh* respirar ar fresco via Mowgli sentado ao luar com a testa contra os joelhos ou deitado sozinho, de comprido, na ponta de um galho, agarrado como se fosse um animal

noturno. Nessas ocasiões, Mowgli o cumprimentava de longe ou descia para contar suas histórias extraordinárias sobre os costumes dos animais da *rukh.* Certa vez, o encontraram dentro dos estábulos olhando os cavalos com profundo interesse.

— Isto — acusava Abdul Gafur —, é sinal de que em breve roubará um deles. Por que não arruma logo um emprego? Pra que ficar desocupado por aí o dia todo? É claro que não quer trabalhar. Prefere ficar perambulando como um camelo sem dono, atraindo os tolos e os encantando com suas tolices.

Por isso, Abdul Gafur dava ordens ásperas quando encontrava Mowgli. Mandava-o buscar água e depenar galinhas. Mowgli ria e obedecia sem se incomodar.

— Não tem casta — disse Abdul Gafir. — Não segue regras. Veja só, *sahib,* ele não quer fazer nada. Uma cobra é uma cobra e um cigano da selva é ladrão até morrer.

— Cale-se — disse Gisborne. — Permito que você dite as regras dentro da sua própria família, contanto que não faça muito barulho, pois conheço seus hábitos e costumes. Mas você não conhece os meus. O rapaz é, sem dúvida, um pouco louco.

— Um pouco louco mesmo — disse Abdur Gafur. — Cedo ou tarde, vamos ver no que isso vai dar.

Alguns dias depois, Gisborne precisou entrar na *rukh* por três dias. Abdul Gafur, por ser velho e gordo, ficou na casa. Ele não se sujeitava a dormir nas cabanas dos patrulheiros e geralmente demandava contribuições deles em nome de seu patrão. Requisitava grãos, óleo e leite de uma gente que mal podia comprar tais dádivas para si.

Gisborne partiu cedo e contrariado por seu amigo da mata não estar na varanda para acompanhá-lo. Simpatizava com ele. Gostava de sua força, agilidade e pés silenciosos, de seu sorriso sempre franco, de sua ignorância quanto às cerimônias sociais, das tolices que contava — as quais, agora, Gisborne acreditava — sobre o que os animais faziam dentro da *rukh* . Após mais de uma hora trotando pela mata, ouviu um farfalhar atrás de si. Era Mowgli marchando ao lado de seu estribo:

— Temos três dias de trabalho pela frente, perto das árvores novas — disse Gisborne.

— Ótimo — disse Mowgli. — É sempre bom cuidar de árvores jovens. Elas viram abrigos se os animais as deixam em paz. Vamos mudar os porcos outra vez.

— O quê? Outra vez? — riu Gisborne.

— Eles estavam cavando e comendo as raízes das jovens árvores-sal ontem à noite e eu os guiei para longe. Por isso não me viu na varanda hoje cedo. Os porcos não deviam estar deste lado da *rukh,* de jeito nenhum. É preciso mantê-los abaixo da nascente do Kanye.

— Se um homem fosse capaz de comandar nuvens, ele certamente o faria. Já você Mowgli, se é realmente o que diz, não precisa ser um pastor na *rukh* sem benefícios, nem salário.

— Na *rukh* do *sahib* — disse Mowgli olhando rapidamente para cima.

Gisborne concordou em agradecimento e continuou:

— Não seria melhor trabalhar e receber do governo? Existe uma pensão ao final de um longo serviço.

— Já pensei nisso — disse Mowgli —, mas os patrulheiros vivem em cabanas com portas fechadas que me parecem armadilhas. Além disso, penso que…

— Então pense mesmo e depois me diga. Vamos parar aqui para tomar o café da manhã.

Gisborne apeou, tirou seu desjejum do alforje artesanal junto à sela e viu o dia nascer quente sobre a *rukh.* Mowgli deitou-se na grama ao seu lado, olhando para o céu.

Não demorou para dissesse com um sussurro preguiçoso:

— *Sahib,* mandou alguém sair com a égua branca do bangalô hoje?

— Não. Ela está velha, gorda e, ainda por cima, um pouco manca. Por quê?

— Ela está sendo levada neste momento e *não* cavalga devagar. Vai pela estrada em direção à linha do trem.

— Ora, isso fica a duas léguas daqui. Deve ser um pica-pau.

Mowgli ergueu seu braço para proteger os olhos do sol:

— A estrada faz uma grande curva pouco depois do bangalô. Não é muito mais longa do que uma légua , no máximo, segundo os milhafres. O som voa com esses pássaros. Vamos conferir?

— Que absurdo! Correr uma légua debaixo desse sol forte para conferir um barulho na floresta?

— Não, é a égua do *sahib.* Eu só quero trazê-la até aqui. Se não for a égua do *sahib,* paciência, mas se for, o *sahib* poderá decidir o que fazer. Ela está sendo obrigada a galopar.

— E como é que você a traria para cá, seu louco?

— O *sahib* se esqueceu? Pela trilha dos nilgós, é claro.

— Então levante-se e corra se é tão cheio de zelo assim.

— Ah, eu não corro! — disse, fazendo um sinal de silêncio com sua mão.

Sem se levantar, soou um alerta três vezes. Era um tipo de som totalmente novo para Gisborne.

— Ela virá — disse quando terminou. — Vamos esperar na sombra.

Seus longos cílios repousaram sobre os olhos selvagens enquanto começava a cochilar na quietude da manhã. Gisborne esperou pacientemente. Certo de que Mowgli era louco, mas também a companhia mais divertida que um solitário oficial da floresta poderia desejar.

— Ôa! Ôa! — disse Mowgli preguiçosamente, sem abrir os olhos. — Ele desmontou dela. Primeiro virá a égua e depois o homem.

Após isso, bocejou ao mesmo tempo em que o garanhão de Gisborne relinchou. Três minutos depois, a égua de Gisborne, selada e arreada, mas sem cavaleiro, irrompeu pela clareira onde ambos estavam sentados e avançou na direção de seu amigo.

— Ela não está muito cansada — disse Mowgli —, mas o suor brota fácil neste calor. Em instantes, conheceremos o cavaleiro, pois o homem é mais lento do que o cavalo… especialmente se for velho e gordo.

— Céus! Isso é coisa do diabo — gritou Gisborne se pondo em pé num salto quando ouviu um grito na selva.

— Não se preocupe, *sahib.* Ele não vai se machucar, mas também dirá que é coisa do diabo. Rá! Ouça! Quem será?

Era a voz de Abdul Gafur, embargada de terror, clamando aos seus deuses para pouparem sua vida e seus cabelos grisalhos.

— Ajudem, não consigo mais andar — uivou. — Estou velho e perdi meu turbante. *Arre! Arre!* Mas vou continuar. Não desisto. Ainda posso correr! Ah, demônios dos infernos, sou um muçulmano!

Surgia então Abdul Gafur sem turbante ou sapatos, com o cinto desamarrado, enlameado, mato nas mãos crispadas e o rosto corado. Ao ver Gisborne, gritou novamente e se ajoelhou aos seus pés, esgotado e trêmulo. Mowgli o observava com um sorriso doce nos lábios.

— Isto não é piada — disse Gisborne, sério. — O homem está quase morto, Mowgli.

— Ele não vai morrer. Só está com medo. Não precisava ter vindo andando.

Abdul Gafur rosnou e se levantou, sacudindo cada um de seus membros:

— Feitiçaria… feitiçaria do demônio! — suspirou sacudindo a mão contra o peito. — Por causa do meu pecado, os demônios da mata me açoitaram. Está tudo acabado. Estou arrependido. Fique com elas, *sahib!* — e estendeu um rolo de notas de dinheiro, também sujas.

— O que significa isso, Abdul Gafur? — disse Gisborne já deduzindo o que estava por vir.

— Pode mandar me prender, está tudo aí… mas me tranquem bem para que nenhum demônio me encontre. Pequei contra o *sahib* e o sal que compartilhou comigo. Se não fossem os malditos demônios da floresta, eu teria comprado terras distantes e viveria em paz pelo resto da vida.

Ele batia a cabeça no chão em franco desespero e mortificação. Gisborne dedilhava o rolo de notas para frente e para trás. Tratava-se dos salários dos últimos nove meses. Era o rolo que ficava guardado na gaveta de cartas e da máquina de cartuchos. Mowgli observava Abdul Gabur, gargalhando em silêncio.

— Não precisa me montar no cavalo para voltar. Vou caminhando devagar com o *sahib* até em casa. Depois pode chamar uma escolta para me levar para a cadeia. O governo dará uma sentença de muitos anos por essa ofensa — disse o criado consternado.

A solidão da *rukh* mexe com a cabeça das pessoas sob vários aspectos. Gisborne encarava Abdul Gafur lembrando-se de que sempre fora um bom empregado. Além disso, um novo mordomo demoraria muito para aprender os hábitos da casa e, no mínimo, seria outra pessoa e outro idioma.

— Ouça, Abdul Gafur — disse. — Você cometeu um grave erro e também perdeu seu *izzat* [9] e sua reputação. Mas não acredito que premeditou isso.

— Céus! Nunca desejei essas notas antes. O demônio me agarrou pelo pescoço quando olhei as notas.

— Acredito nisso também. Agora volte para casa. Quando eu retornar, um mensageiro irá levá-las ao banco e não tocaremos mais

nesse assunto. Você está velho demais para ser preso e seus serviços são impecáveis.

Em resposta, Abdul Gafur soluçava com a cara entre as botas de Gisborne:

— Nem vai me despedir? — engoliu em seco.

— Isso ainda veremos. Dependerá do seu comportamento quando retornarmos. Suba na égua e acalme-se no caminho para casa.

— Mas e os demônios? A *rukh* está cheia de demônios!

— Não se preocupe, senhor. Eles não farão mal a você se obedecer as ordens do *sahib* — disse Mowgli. — Quem sabe se eles mesmos mostrarão o seu caminho de volta… pela trilha dos nilgós.

O queixo de Abdul Gafur caiu enquanto ele amarrava seu cinto e encarava Mowgli:

— São *seus* demônios? Os demônios são dele? Pensei mesmo em voltar e colocar a culpa nesse bruxo!

— Muito inteligente de sua parte, *huzrut,* [10] mas quando se faz uma armadilha, é melhor saber antes o tamanho da presa que ela suportará. Eu só desconfiava que alguém havia roubado um dos cavalos do *sahib,* mas não sabia que o plano era dizer ao *sahib* que o ladrão era eu . Se soubesse, meus demônios teriam arrastado você até aqui pelas pernas. Ainda posso fazer isso.

Mowgli buscou aprovação no olhar de Gisborne, mas Abdul Gafur cambaleou até a égua branca, montou com certa dificuldade e fugiu com gravetos e mato estalando atrás de si.

— Bem feito para ele — disse Mowgli. — Mas vai cair de novo se não a segurar pela crina.

— Está na hora de me explicar tudo isso — disse Gisborne bastante sério. — Que conversa é essa de demônios? Como é possível fazer homens irem e virem na *rukh* como se fossem gado? Responda.

— O *sahib* está zangado porque eu salvei o seu dinheiro?

— Não, mas tem alguma coisa estranha nisso que não me agrada.

— Muito bem. Você sabe que se eu me levantar e der três passos para dentro da *rukh* ninguém, nem mesmo o *sahib,* será capaz de me encontrar. Como não farei isso, também não contarei nada. Tenha um pouco de paciência, *sahib,* e algum dia ensinarei tudo a você. Quem sabe algum dia guiaremos os animais juntos? Não há nenhuma obra do demônio envolvida. É só que eu conheço esta *rukh* como alguém conhece a cozinha da própria casa.

Parecia que Mowgli falava com uma criança agitada. Gisborne, confuso, irritado e sem saber o que fazer, se manteve pensativo, olhando para o chão. Quando levantou o olhar, o rapaz da selva havia sumido.

— Não é nada bom que amigos fiquem com raiva — disse uma voz vinda das touceiras de capim. — Espere até o cair da noite, quando a brisa ficar mais fresca, sahib.

Sozinho, abandonado no coração da *rukh,* Gisborne praguejou e depois gargalhou. Montou em seu cavalo e seguiu viagem. Ele visitou a cabana do patrulheiro que cuidava de dois novos reflorestamentos, deixou algumas ordens quanto à queimada de um perímetro de capim seco e continuou rumo a um acampamento que ele mesmo escolheu.

Era um amontoado de pedras pontudas coberto de folhas e galhos, não muito longe das margens do rio Kanye. Já era crepúsculo quando avistou esse recanto e a *rukh* despertava para sua silenciosa e voraz vida noturna.

Uma fogueira tremulava nessa elevação e a brisa carregava o agradável aroma de um bom jantar.

— Hum — disse Gisborne —, sem dúvida será muito melhor do que o bolo de carne que eu trouxe. O único que poderia estar por estas bandas seria Muller, mas, oficialmente, deveria estar cuidando da *rukh* Changamanga. É por isso mesmo que desconfio que ele está no meu território.

O gigantesco alemão, chefe do Matas e Florestas de toda a Índia e patrulheiro-chefe de Burma a Bombaim, tinha o hábito de mudar de território como fazem os morcegos, sem avisar de onde vinha ou para onde ia. Ele aparecia exatamente onde menos se esperava. Sua teoria dizia que visitas inesperadas descobriam trabalhos mal feitos. Para ele, uma repreensão franca e direta era infinitamente melhor do que o lento processo de correspondência, que poderia terminar com uma penalidade oficial — coisa que nos anos posteriores poderia depor contra o próprio histórico de um oficial florestal. Ele explicava: "Se eu só falarr com meus garrotas como um tia holandês, eles dirrão: 'O maldita da Muller mandou fazerr assim.' E porr isso vão se esforrçar mais da prróxima vez. Agorra, se um secrretárria molenga escrreve parra eles dizendo que a Muller, o inspetorra-gerral, não gostou e está aborrecido, prrimeira que isso não dá muito cerrto porrque não estou lá e, segunda, aquela idiota que me reprresenta pode falarr parra os meus melhorres garrotas: 'Vejam bem, vocês estão na mirra

do meu superriorra.' Parra mim, esse negócia de capacetes e distintivos não faz nenhuma árrvorre crrescerr."

A voz grave de Muller vinha da escuridão atrás da fogueira. Curvado sobre os ombros de seu cozinheiro preferido, ele dizia:

— Não exagerre na molho, filho dos diabas! Molho Worrcesterr é um condimenta, não despeja assim. Ah, Gisborrne, você veio jantarr uma comida horrível. Onde acampou? — vindo para cumprimentá-lo.

— Sou o próprio acampamento, senhor — disse Gisborne. — Não sabia que estaria por aqui.

Muller olhou para a jovem e esguia figura do homem:

— Boa! Isto é muito boa! Uma cavalo e umas comidas frrias para comerr. Quando eu erra jovem também acampava assim. Agorra, jante comiga. Fui até o quarrtel-generral na mês passada para entrregarr o meu relatórria. Eu escrrevi só metade! Ho! Ho! E o resto eu deixei parra os meus secretárrias e saí parra darr uma volta. A goverrno só querr saberr de relatórrias. Eu falei isso parra o vicerrei em Simla.

Gisborne riu, lembrando-se de muitas das histórias que ouvia sobre os conflitos de Muller com o governo central. Ele havia sido liberado das burocracias — em detrimento dos outros oficiais — por ser um oficial florestal inigualável.

— Se eu encontrarr você, Gisborrne, sentada no sua bangalô escrrevinhando relatórrias para mim sobrre os reflorrestamentas ao invés de estar meio delas, transfirro você parra o meio do deserrta da Bikaneer e mando você reflorrestar ela toda. Não gosto de relatórrias,

nem de ruminar papelada quando deverríamos estarr fazenda o nossa trabalha.

— Não há possibilidade de eu gastar meu tempo fazendo os anuários. Eu os odeio tanto quando o senhor.

A conversa se manteve até então no campo profissional. Muller tinha algumas perguntas a fazer e Gisborne tinha ordens e conselhos a receber até que o jantar ficasse pronto. Aquela foi a refeição mais civilizada que Gisborne teve nos últimos meses. Não era permitido que a distância da base de suprimentos interferisse no trabalho do cozinheiro de Muller. A cozinha, posta em meio àquele ambiente inóspito, começou servindo lambaris apimentados e terminou com café e conhaque.

— Ah! — disse Muller satisfeito, suspirando ao acender um charuto de pontas cortadas, refestelado em sua surrada cadeira dobrável. — Quando estou fazendo as relatórrias, sou um pensadorr livrre e ateu. Mas aqui, dentro da *rukha,* sou mais do que crristão. Sou pagão também.

Rolou a ponta do charuto sob sua língua, pousou as mãos sobre os joelhos e encarou o difuso coração ondulante da *rukh* à sua frente, com seus ruídos furtivos — do estalar da lenha na fogueira atrás dele ao suspiro de galhos curvados pelo calor recuperando sua postura com o frescor da noite; do murmúrio incessante do curso do rio Kanye à sinfonia abafada das encostas gramadas cheias de vida e fora da vista, atrás do monte onde acampavam. Ele deixou subir uma viçosa nuvem de fumaça e começou a citar Heine para si mesmo:

— Sim, é boa demais. Muito boa. “Sim, eu fiz milagrres, mas, porr Deus, eles também acontecem sozinhas.” Me lembrro de quando não

havia nenhuma *rukha* mais alta do que o seu joelho, daqui até as árreas de colheita. Na época da seca, os rebanhas comiam até as ossos do gado morta porr todo lado. Agorra, as árrvorres voltarram. Forram plantadas por um pensador livrre, porrque ele sabia bem que os efeitos semprre têm uma causa. Mas as árrvorres daqui eram os abrrigas dos deuses antigas… "e seus deuses crristãos uivam alto". Eles não poderriam morar dentrro da *rukha,* Gisborne.

Uma sombra se aproximou, vinda de uma das picadas, e se revelou ao ficar sob o luar:

— Eu disse a verrdade. Shh! Aqui está o prrróprria fauno em pessoa. Ele veio verr o inspetorra-gerral. *Himmel,* é o deus deles! Veja!

Coroado com sua grinalda de flores brancas Mowgli trazia consigo um galho descascado. Desconfiou da luz do fogo, pronto para recuar ao menor sinal de perigo.

— É um amigo meu — disse Gisborne. — Está me procurando. Salve, Mowgli!

Muller mal teve tempo de tossir antes que o homem se colocasse ao lado de Gisborne, gritando:

— Errei ao ir embora. Errei. Eu não sabia que a companheira do homem morto perto deste rio estava acordada à sua procura. Se eu soubesse, não teria ido embora. Ela veio seguindo seu rastro, sahib.

— Ele é meio louco — disse Gisborne. — Ele fala com os animais das redondezas como se fossem velhos amigos.

— É clarro, é clarro. Se a fauno não sabe, quem poderria saberr? — disse Muller muito sério. — O que diz sobre tigrras, esse tal deusa que te conhece tão bem?

Gisborne acendeu novamente seu charuto e, antes que terminasse a história de Mowgli e suas proezas, queimou as pontas do bigode. Muller ouviu sem interromper:

— Isto não é loucurra — disse, finalmente, quando Gisborne terminou a história de Abdul Gafur. — Não é loucurra de jeita nenhuma.

— E o que é, então? Fiquei furioso hoje cedo porque queria saber como ele fez aquilo. Imagino que esteja possuído por alguma coisa.

— Não é possessão nenhuma, é coisa muito marravilhosa. Norrmalmente, elas morrem cedo… essa tipo de gente. E você não conta o que assustou a égua do seu crriado-ladrrão, é claro. E a nilgó não tinha como contarr.

— Sim, mas o problema é que não havia ninguém mais. Eu ouvi e posso escutar muitas coisas. O macho e o homem simplesmente apareceram… aterrorizados.

Como resposta, Muller olhou para Mowgli de cima abaixo, da cabeça aos pés, e pediu que se aproximasse com um sinal. Ele se aproximou como um macho por uma trilha que não lhe cheira bem.

— Não tenha medo — disse Muller, agora no vernáculo. — Levante o braço.

Ele correu sua mão sob o cotovelo, tateou e assentiu com a cabeça:

— Foi o que pensei. Agora, o joelho.

Gisborne o viu sentindo a rótula e sorrir. Duas ou três cicatrizes logo acima do tornozelo lhe chamaram a atenção.

— Estas são de quando você ainda era muito jovem? — disse.

— São — respondeu Mowgli com um sorriso. — São as marcas do amor dos pequeninos.

Então, falou sobre o ombro para Gisborne:

— Este *sahib* sabe tudo. Quem é ele?

— Falaremos disso depois, meu amigo. Agora diga onde *eles* estão? — disse Muller.

Mowgli girou a mão em círculos sobre sua cabeça:

— Muito bem! E você guia nilgós? Veja! Ali está minha égua amarrada. Consegue trazer ela aqui sem que se assuste?

— Se eu consigo trazer a égua até o *sahib* sem que se assuste? — repetiu Mowgli, aumentando a voz acima do tom costumeiro. — Seria mais fácil sem os nós das estacas.

— Solte a corda do pescoço e das estacas — gritou Muller para o criado.

Ela mal tocou o chão e a égua, uma grande australiana negra, levantou a cabeça e espichou as orelhas.

— Cuidado! Não quero que ela suma para dentro da *rukh* — disse Muller.

Mowgli se manteve parado diante do brilho do fogo, exatamente do modo como aquele deus grego é descrito em detalhes nos romances. A égua relinchou, levantou uma pata traseira, sentiu suas patas livres e avançou rapidamente na direção do dono, pousando sua cabeça em seu peito e transpirando um pouco.

— Ela veio por vontade própria. Meus cavalos também fazem isso — Gisborne elevou sua voz.

— Veja se ela está suando — disse Mowgli.

Gisborne pousou sua mão no flanco úmido.

— É o bastante — disse Muller.

— É o bastante — repetiu Mowgli e uma pedra atrás dele ecoou a palavra.

— É incrível, não é? — declarou Gisborne.

— Não, é extraordinário… além de extraordinário. Você ainda não entendeu, Gisborne?

— Confesso que não.

— Muito bem, não posso revelarr. Ele diz que, um dia, mostrrarrá a você do que se trrata. Seria crruel se eu contasse. Só não sei dizerr porr que ele ainda não morreu. Agorra, ouça — Muller encarou Mowgli e retornou ao vernacular. — Sou o chefe de todas as *rukhs* do país da Índia e de outros ao longo das Águas Negras. [11] Nem sei quantos homens eu comando… talvez cinco, talvez dez mil. O negócio é: chega de vagar pela *rukh* guiando animais por brincadeira ou para se mostrar. Você vai fazer um serviço para mim, que sou o representante do governo no assunto das Matas e Florestas. Viva nesta *rukh* como um guarda-florestal. Guie as cabras dos aldeões para fora quando não houver ordens para alimentá-las na *rukh* e deixe que elas entrem quando houver tais ordens. Você deve saber bem como manter o controle dos porcos-selvagens e dos nilgós quando os bandos ficarem muito grandes. Diga sempre ao *sahib* Gisborne como e onde estão os tigres, qual caça está disponível. Avise imediatamente sobre os focos de incêndio dentro da *rukh.* Você é capaz de dar o alerta mais rápido do que qualquer outro. Por esse trabalho há um

pagamento mensal em prata e, no final da carreira, quando já tiver uma esposa, seu próprio rebanho e, talvez, filhos, receberá uma pensão. O que me diz?

— Era exatamente o que eu… — começou Gisborne.

— Meu *sahib* falou pela manhã sobre esse serviço. Caminhei o dia todo sozinho, pensando nesse assunto e minha resposta está bem aqui. Servirei *se* eu servir nesta *rukh* e em nenhuma outra, *com sahib* Gisborne e nenhum outro.

— Que assim seja. Em uma semana virá a ordem escrita que sela o compromisso do governo com a pensão. Depois disso, monte sua cabana onde *sahib* Gisborne escolher.

— Eu pretendia falar sobre isso com você — disse Gisborne.

— Prefirro muito mais ter visto do que ouvido alguém falar sobrre este homem. Nunca haverrá um guarda-florrestal como ele. Ele é um milagrre. Gisborne, um dia você também entenderrá. Ouça bem: ele é um irrmão de sangue de cada um dos animais desta rukh.

— Seria mais fácil para mim se eu fosse capaz de entender o que ele é.

— Esse dia chegarrá. Só uma vez em toda minha carreirra, e já se vão trrinta anos, encontrei um rapaz como este. Ele morreu. Às vezes, falam deles nos relatórrias do censo, mas todos eles morrem. Este homem sobrreviveu e ele é um anacrronismo, pois seu lugar no tempo se localiza antes da Idade do Ferra e antes da Idade do Pedrra. Ele morra no começo da histórria do homem. Ele é Adão no Éden, e agora só precisa encontrrar um Eva! Não! Ele é mais adulto do que essa história infantil, assim como a *rukha* é mais velha do que os

deuses. Gisborrne, de agorra em diante, serrei parra semprre um pagão.

Pelo resto da longa noite, Muller ficou sentado, fumando e encarando a escuridão sem parar. Seus lábios se moviam pronunciando citações e seu rosto transmitia maravilhas. Retirou-se para sua tenda, mas logo saiu, vestindo seu majestoso pijama rosa. Gisborne ouviu seu pronunciamento para a *rukh* em meio ao silêncio completo da meia-noite. As palavras foram declaradas com imensa ênfase:

Emborra semprre nos mudemos, enfeitemos e vestimos,

Tu és nobrre, nu e antigo;

Libidina é sua mãe, Prríapo

é seu pai, um Deus e uma Grrega.

O que eu sei é que, pagão ou cristão, nunca conhecerrei as profundezas do rukha!

* * *

Uma semana depois, meia-noite, no bangalô, Abdul Gafur estava pálido de raiva ao lado da cama de Gisborne, sussurrando para que ele acordasse:

— Acorde, *sahib* — balbuciava. — Acorde e pegue sua arma. Minha honra se acabou. Levante-se e mate antes que alguém veja

O rosto do velho homem havia se transformado. Gisborne o encarava, sem reação:

— Foi para isso, então, que o forasteiro da selva me ajudou a polir a mesa do *sahib,* foi pegar água e depenou galinhas? Eles fugiram

juntos, em razão das surras que eu dei nela. Agora vivem entre os demônios que querem arrastar a alma dela para o fosso eterno. Levante, *sahib,* venha comigo!

Ele empurrou um rifle nas mãos ainda sonolentas de Gisborne quase o puxando para fora do quarto em direção à varanda:

— Estão ali, na *rukh.* Dá para acertar um tiro daqui. Venha em silêncio.

— Mas o que aconteceu? Qual é o problema, Abdul?

— Mowgli, seus demônios e minha própria filha — disse Abdul Gafur.

Gisborne suspirou e o seguiu. Não era à toa, ele entendeu, que Abdul Gafur batia na filha à noite e que Mowgli ainda o ajudava nos trabalhos domésticos mesmo tendo revelado com seus misteriosos poderes que o velho era um ladrão. Além do mais, os namoros na floresta acontecem rapidamente.

Ouvia-se o som de uma flauta na *rukh,* como a canção de um deus perdido na floresta. Ao se aproximarem, o murmúrio de vozes onde terminava a trilha, em uma pequena clareira circular rodeada por touceiras de capim e árvores. No centro, sobre um tronco caído, de costas e com seu braço em volta do pescoço da filha de Abdul, estava Mowgli, coroado de flores e tocando uma flauta rústica. Quatro grandes lobos dançavam solenemente ao som da música sobre as patas traseiras.

— Ali estão os demônios — sussurrou Abdul Gafur.

Ele tinha um punhado de cartuchos em sua mão. As feras se abaixaram ao som de uma nota longa e trêmula. Ficaram paradas com

seus olhos verdes fixos na garota:

— Veja — disse Mowgli colocando a flauta de lado. — Não há o que temer, pequena corajosa, mas você não acredita. O seu pai disse… ah, queria que tivesse visto seu pai na trilha dos nilgós! Ele disse que eram demônios e, por Alá, o seu Deus, acho que ele acreditou mesmo nisso.

A garota deu um sorriso tímido e Gisborne ouviu Abdul rangendo os dentes que ainda tinha. Esta não era a garota discreta que Gisborne se lembrava de ver pelas dependências da casa: tímida e com o véu sobre o rosto. Era outra, amadurecida da noite para o dia assim como uma orquídea que desabrocha com um simples vento mais úmido.

— São meus companheiros e irmãos. São filhos daquela mãe que me alimentou. Contei a você na despensa da cozinha — continuou Mowgli. — São filhos do pai que se deitava entre mim e o frio da entrada da caverna quando eu era apenas uma criancinha nua — um lobo pousou a cabeça, submisso, sobre o joelho de Mowgli. — Olhe, meu irmão sabe que falamos deles. Sim, quando eu era uma criancinha, ele era um filhote que rolava na lama comigo.

— Mas você disse que tinha nascido gente — disse a garota docemente, aninhando a cabeça em seu ombro. — Você nasceu gente?

— Disse! Eu sei que nasci humano porque meu coração está em suas mãos agora, minha pequena.

Sua cabeça deslizou para baixo do queixo de Mowgli. Gisborne levantou a mão para refrear Abdul Gafur, que não parecia nada impressionado com a incrível cena.

— Mas eu era um lobo entre os lobos. Pelo menos fui, até ser expulso da selva por ser homem.

— Quem expulsou você? Não consigo imaginar.

— Os próprios animais. Pequenina, você nunca acreditaria nessa história, mas é verdade. As feras da selva me mandaram embora, mas meus quatro irmãos me seguiram. Depois, fui pastor de búfalos entre os homens e aprendi a sua língua. Iá! Iá! Os próprios membros dos rebanhos pagavam a cota dos meus irmãos até que, certa noite, uma senhora idosa e respeitada me viu nas plantações brincando com meus irmãos. Disseram que eu tinha um demônio dentro de mim e me expulsaram da aldeia com paus e pedras. Eles continuaram comigo. Foi quando aprendi a comer carne cozida e a falar. Fui de aldeia em aldeia, minha amada, como pastor, domador de búfalos e rastreador. Nunca homem algum ousou levantar um dedo contra mim mais de uma vez — ele se curvou e acariciou a cabeça de um deles.

— Seja assim comigo também. Não há perigo nem mágica nisso. Veja, como já são seus amigos.

— As matas são cheias de todo tipo de demônios — disse a menina com um arrepio.

— É mentira. Mentira boba — retrucou Mowgli confiante. — Já me deitei no orvalho debaixo das estrelas, no escuro da noite. Eu sei. A selva é o meu lar. Alguém deve ter medo do próprio teto sobre a sua cabeça? Uma mulher deve temer o fogo que seu marido acendeu? Venha, faça carinho neles.

— São cães imundos — murmurou, inclinando-se para frente e mantendo o rosto para o lado.

— Se já comeram a maçã, a lei deve ser cumprida! — disse Abdul Gafur amargurado. — Para que esperar mais, *sahib?* Atire!

— Silêncio. Precisamos entender o que aconteceu — disse Gisborne.

— Isso. Assim mesmo — disse Mowgli, passando seu braço em volta da garota novamente. — Cães ou não, me acompanharam por mil aldeias.

— Mas onde estava o seu coração? Em mil aldeias deve ter visto mil donzelas. E eu, que não sou mais uma donzela, possuo o seu coração?

— Por quem preciso jurar? Por Alá, de quem você tanto fala?

— Não. Jure pela sua vida e ficarei muito feliz. Onde estava o seu coração nessas andanças?

Mowgli riu:

— Aqui na minha barriga, porque eu era jovem e sempre estava faminto. Por isso aprendi a seguir rastros e caçar. Mandava meus irmãos irem e virem como um rei convoca seu exército. Foi assim que guiei o nilgó para o jovem e inocente *sahib* e a égua para o grande e esperto *sahib,* quando duvidaram do que eu era capaz. Aquilo foi tão fácil quando guiar os próprios homens. Agora mesmo — e sua voz se elevou um pouco — sei que atrás de mim estão seu pai e *sahib* Gisborne. Não, não corra, porque nem dez homens ousariam dar um passo à frente. Lembrando que seu pai bateu em você outra vez, devo dar a ordem e fazê-lo correr de novo em círculos pela rukh?

Um lobo se levantou, arreganhando os dentes.

Gisborne sentiu o obeso Abdul Gafur tremer e desaparecer de seu lado, se esgueirando para longe da clareira.

— Restou apenas *sahib* Gisborne — disse Mowgli ainda sem se virar —, mas comi do seu pão e, em breve, estarei a seu serviço. Meus irmãos serão seus criados comandando animais e trazendo notícias. Esconda-se no capim.

A garota se embrenhou na touceira. Mowgli virou-se para Gisborne na companhia de seus outros três companheiros. O oficial florestal veio em sua direção:

— Esta é a mágica — disse, apontando para os três. — O grande *sahib* sabia que quando somos criados entre os lobos, aprendemos a correr com os cotovelos e joelhos. Quando tocou meus braços e pernas, percebeu a verdade que você desconhecia. Isso é tão extraordinário assim, *sahib?*

— Na verdade, é mais extraordinário do que mágica. Então foram eles que trouxeram o nilgó?

— Foram e teriam até trazido Éblis, o demônio, se eu tivesse mandado. Eles são meus olhos e pés.

— Então tome cuidado para que Éblis não tenha um rifle de cano duplo. Ensine aos demônios que, em fila, dois tiros matam os três.

— Ah, mas eles sabem que, em breve, serão seus servos quando eu for guarda-florestal.

— Guarda ou não, Mowgli, você causou uma grande vergonha para Abdul Gafur. Desonrou sua casa e deitou uma sombra sobre ele.

— A sombra já estava lá quando roubou seu dinheiro. Piorou agora há pouco quando disse em seu ouvido que atirasse em um homem desarmado pelas costas. Eu mesmo falarei com ele porque sou um homem a serviço do governo, com pensão. Ele poderá realizar o casamento com qual ritual preferir ou poderá fugir de novo. Falarei pela manhã. Quanto ao resto, o *sahib* tem sua casa e esta é a minha. É hora de voltar para a cama, sahib.

Mowgli virou-se e desapareceu no matagal, deixando Gisborne só. A sugestão do deus-árvore não devia ser ignorada. Gisborne voltou para o bangalô, onde Abdul Gafur, dilacerado pela raiva e pelo medo, delirava na varanda.

— Paz, paz — disse Gisborne sacudindo-o, pois parecia estar prestes a enlouquecer. — *Sahib* Muller fez daquele homem um guarda-florestal e, como você sabe, há uma pensão ao final da carreira no serviço governamental.

— Ele é um pária, um *mlech,* [12] um cão entre os cães. Um comedor de carniça! Que pensão pagaria por isso?

— Só Alá sabe. Você mesmo ouviu que o estrago está feito. Quer que a notícia se espalhe entre os outros empregados? Faça o casamento o quanto antes e a menina fará dele um muçulmano. Ele é um rapaz decente. Não é de admirar que ela se envolveu com ele depois das surras.

— Ele disse se vai mandar suas feras atrás de mim?

— Entendi que sim. Se ele é mesmo um bruxo, parece ser bem poderoso.

Abdul Gafur pensou por algum tempo e em seguida desabou em prantos, esquecendo-se de que era um muçulmano:

— Você é um brâmane. Eu sou sua vaca. Me ajude e faça tudo voltar a ser como antes. Salve minha honra, se é que isso ainda é possível!

Pela segunda vez, Gisborne adentrou a *rukh* e chamou por Mowgli. A resposta veio de um lugar acima de sua cabeça, sem nenhuma submissão:

— Converse com educação — disse Gisborne olhando para cima. — Ainda posso expulsar você daqui e caçar os seus lobos. A menina precisa voltar para a casa do pai dela agora. Amanhã haverá o casamento de acordo com a lei muçulmana. Só assim você poderá levá-la. Leve-a para Abdul Gafur.

— Entendemos — houve um murmúrio de vozes confabulando entre as folhas. — E vamos obedecer pela última vez.

* * *

Um ano depois, Muller e Gisborne cavalgavam pela *rukh* conversando sobre o trabalho. Por entre as rochas próximas ao Kanye, Muller se adiantou. Sob a sombra de um espinheiro, estava deitado um bebê moreno com os braços esticados. Do matagal atrás dele, despontou a cabeça de um lobo cinzento. Gisborne mal teve tempo de desviar a mira do rifle de Muller, e o tiro desapareceu entre os galhos acima.

— Ficou louco? — esbravejou Muller. — Veja isto!

— Estou vendo — disse Gisborne calmamente. — A mãe está por perto. Céus! Quer atiçar a alcateia?

Os arbustos se abriram e uma mulher alçou o bebê ao colo:

— Quem atirou, *sahib?* — gritou para Gisborne.

— Este *sahib.* Ele se esqueceu a qual povo seu marido pertence.

— Esqueceu? Não é surpresa. Nós, que vivemos com eles, também nos esquecemos que são diferentes. Mowgli foi pescar rio abaixo. O *sahib* quer vê-lo? Apareçam, seus mal-educados. Saiam e venha cumprimentar os sahibs.

Os olhos de Muller não paravam de se arregalar. Desceu com um salto da égua agitada. Da mata brotaram quatro lobos que se aproximaram de Gisborne. A mãe cuidava do bebê, afastando os animais que se esfregavam em seus pés descalços.

— Você estava certo sobre Mowgli — disse Gisborne. — Devia ter contado a você antes, mas me acostumei tanto com meus amigos neste último ano que acabei me esquecendo.

— Orra, não se desculpe — disse Muller. — Não foi nada. *Gott in Himmel!* "Eu faço milagrres… mas eles também acontecem sozinhas!"

IN THE RUKH

Rudyard Kipling

In the Rukh

The Only Son lay down again and dreamed that he dreamed a dream.

The last ash dropped from the dying fire with the click of a falling spark,

And the Only Son woke up again and called across the dark:—

‘Now, was I born of womankind and laid in a mother’s breast?

For I have dreamed of a shaggy hide whereon I went to rest.

And was I born of womankind and laid on a father’s arm?

For I have dreamed of long white teeth that guarded me from harm.

Oh, was I born of womankind and did I play alone?

For I have dreamed of playmates twain that bit me to the bone.

And did I break the barley bread and steep it in the tyre?

For I have dreamed of a youngling kid new riven from the byre.

An hour it lacks and an hour it lacks to the rising of the moon—

But I can see the black roof-beams as plain as it were noon!

’Tis a league and a league to the Lena Falls where the trooping sambhur go,

But I can hear the little fawn that bleats behind the doe!

’Tis a league and a league to the Lena Falls where the crop and the upland meet,

But I can smell the warm wet wind that whispers through the wheat!’

— *The Only Son.*

The wheels of public service that turn under the Indian Government, there is none more important than the Department of Woods and Forests. The reboisement of all India is in its hands; or will be when Government has the money to spend. Its servants wrestle with wandering sand-torrents and shifting dunes wattling them at the sides, damming them in front, and pegging them down atop with coarse grass and spindling pine after the rules of Nancy. They are responsible for all the timber in the State forests of the Himalayas, as well as for the denuded hillsides that the monsoons wash into dry gullies and aching ravines; each cut a mouth crying aloud what carelessness can do. They experiment with battalions of foreign trees, and coax the blue gum to take root and, perhaps, dry up the Canal fever. In the plains the chief part of their duty is to see that the belt fire-lines in the forest reserves are kept clean, so that when drought comes and the cattle starve, they may throw the reserve open to the villager's herds and allow the man himself to gather sticks. They poll and lop for the stacked railway-fuel along the lines that burn no coal; they calculate the profit of their plantations to five points of decimals; they are the doctors and midwives of the huge teak forests of Upper Burma, the rubber of the Eastern Jungles, and the gall-nuts of the South; and they are always hampered by lack of funds. But since a Forest Officer's business takes him far from the beaten roads and the regular stations, he learns to grow wise in more than wood-lore alone; to know the people and the polity of the jungle; meeting tiger, bear, leopard, wild-dog, and all the deer, not once or twice after days of beating, but again and again in the execution of his duty. He spends much time in saddle or under canvas—the friend of newly-planted trees, the associate of uncouth

rangers and hairy trackers—till the woods, that show his care, in turn set their mark upon him, and he ceases to sing the naughty French songs he learned at Nancy, and grows silent with the silent things of the underbrush.

Gisborne of the Woods and Forests had spent four years in the service. At first he loved it without comprehension, because it led him into the open on horseback and gave him authority. Then he hated it furiously, and would have given a year's pay for one month of such society as India affords. That crisis over, the forests took him back again, and he was content to serve them, to deepen and widen his fire-lines, to watch the green mist of his new plantation against the older foliage, to dredge out the choked stream, and to follow and strengthen the last struggle of the forest where it broke down and died among the long pig-grass. On some still day that grass would be burned off, and a hundred beasts that had their homes there would rush out before the pale flames at high noon. Later, the forest would creep forward over the blackened ground in orderly lines of saplings, and Gisborne, watching, would be well pleased. His bungalow, a thatched white-walled cottage of two rooms, was set at one end of the great *rukh* and overlooking it. He made no pretence at keeping a garden, for the *rukh* swept up to his door, curled over in a thicket of bamboo, and he rode from his verandah into its heart without the need of any carriage-drive.

Abdul Gafur, his fat Mohammedan butler, fed him when he was at home, and spent the rest of the time gossiping with the little band of native servants whose huts lay behind the bungalow. There were two grooms, a cook, a water-carrier, and a sweeper, and that was all.

Gisborne cleaned his own guns and kept no dog. Dogs scared the game, and it pleased the man to be able to say where the subjects of his kingdom would drink at moonrise, eat before dawn, and lie up in the day's heat. The rangers and forest-guards lived in little huts far away in the *rukh* , only appearing when one of them had been injured by a falling tree or a wild beast. There Gisborne was alone.

In spring the *rukh* put out few new leaves, but lay dry and still untouched by the finger of the year, waiting for rain. Only there was then more calling and roaring in the dark on a quiet night; the tumult of a battle-royal among the tigers, the bellowing of arrogant buck, or the steady wood-chopping of an old boar sharpening his tushes against a bole. Then Gisborne laid aside his little-used gun altogether, for it was to him a sin to kill. In summer, through the furious May heats, the *rukh* reeled in the haze, and Gisborne watched for the first sign of curling smoke that should betray a forest fire. Then came the Rains with a roar, and the *rukh* was blotted out in fetch after fetch of warm mist, and the broad leaves drummed the night through under the big drops; and there was a noise of running water, and of juicy green stuff crackling where the wind struck it, and the lightning wove patterns behind the dense matting of the foliage, till the sun broke loose again and the *rukh* stood with hot flanks smoking to the newly-washed sky. Then the heat and the dry cold subdued everything to tiger-colour again. So Gisborne learned to know his *rukh* and was very happy. His pay came month by month, but he had very little need for money. The currency notes accumulated in the drawer where he kept his homeletters and the recapping-machine. If he drew anything, it was to make a purchase from the Calcutta Botanical Gardens, or to pay a ranger's widow a sum that the

Government of India would never have sanctioned for her man's death.

Payment was good, but vengeance was also necessary, and he took that when he could. One night of many nights a runner, breathless and gasping, came to him with the news that a forest-guard lay dead by the Kanye stream, the side of his head smashed in as though it had been an eggshell. Gisborne went out at dawn to look for the murderer. It is only travellers and now and then young soldiers who are known to the world as great hunters. The Forest Officers take their *shikar* as part of the day's work, and no one hears of it. Gisborne went on foot to the place of the kill: the widow was wailing over the corpse as it lay on a bedstead, while two or three men were looking at footprints on the moist ground. 'That is the Red One,' said a man. 'I knew he would turn to man in time, but surely there is game enough even for him. This must have been done for devilry.'

'The Red One lies up in the rocks at the back of the *sal* trees,' said Gisborne. He knew the tiger under suspicion.

'Not now, Sahib, not now. He will be raging and ranging to and fro. Remember that the first kill is a triple kill always. Our blood makes them mad. He may be behind us even as we speak.'

'He may have gone to the next hut,' said another. 'It is only four *koss*. Wallah, who is this?'

Gisborne turned with the others. A man was walking down the dried bed of the stream, naked except for the loin-cloth, but crowned with a wreath of the tasselled blossoms of the white convolvulus creeper. So noiselessly did he move over the little pebbles, that even Gisborne, used to the soft-footedness of trackers, started.

‘The tiger that killed,’ he began, without any salute, ‘has gone to drink, and now he is asleep under a rock beyond that hill.’ His voice was clear and bell-like, utterly different from the usual whine of the native, and his face as he lifted it in the sunshine might have been that of an angel strayed among the woods. The widow ceased wailing above the corpse and looked round-eyed at the stranger, returning to her duty with double strength.

‘Shall I show the Sahib?’ he said simply.

‘If thou art sure—’ Gisborne began.

‘Sure indeed. I saw him only an hour ago—the dog. It is before his time to eat man’s flesh. He has yet a dozen sound teeth in his evil head.’

The men kneeling above the footprints slunk off quietly, for fear that Gisborne should ask them to go with him, and the young man laughed a little to himself.

‘Come, Sahib,’ he cried, and turned on his heel, walking before his companion.

‘Not so fast. I cannot keep that pace,’ said the white man. ‘Halt there. Thy face is new to me.’

‘That may be. I am but newly come into this forest.’

‘From what village?’

‘I am without a village. I came from over there.’ He flung out his arm towards the north.

‘A gipsy then?’

‘No, Sahib. I am a man without caste, and for matter of that without a father.’

‘What do men call thee?’

‘Mowgli, Sahib. And what is the Sahib’s name?’

‘I am the warden of this *rukh* —Gisborne is my name.’

‘How? Do they number the trees and the blades of grass here?’

‘Even so; lest such gipsy fellows as thou set them afire.’

‘I! I would not hurt the jungle for any gift. That is my home.’

He turned to Gisborne with a smile that was irresistible, and held up a warning hand.

‘Now, Sahib, we must go a little quietly. There is no need to wake the dog, though he sleeps heavily enough. Perhaps it were better if I went forward alone and drove him down wind to the Sahib.’

’Allah! Since when have tigers been driven to and fro like cattle by naked men?’ said Gisborne, aghast at the man’s audacity.

He laughed again softly. ‘Nay, then, come along with me and shoot him in thy own way with the big English rifle.’

Gisborne stepped in his guide’s track, twisted, crawled, and clomb and stooped and suffered through all the many agonies of a jungle-stalk. He was purple and dripping with sweat when Mowgli at the last bade him raise his head and peer over a blue baked rock near a tiny hill pool. By the waterside lay the tiger extended and at ease, lazily licking clean again an enormous elbow and fore paw. He was old, yellow-toothed, and not a little mangy, but in that setting and sunshine, imposing enough.

Gisborne had no false ideas of sport where the man-eater was concerned. This thing was vermin, to be killed as speedily as possible. He waited to recover his breath, rested the rifle on the rock and whistled. The brute's head turned slowly not twenty feet from the rifle-mouth, and Gisborne planted his shots, business-like, one behind the shoulder and the other a little below the eye. At that range the heavy bones were no guard against the rending bullets.

'Well, the skin was not worth keeping at any rate,' said he, as the smoke cleared away and the beast lay kicking and gasping in the last agony.

'A dog's death for a dog,' said Mowgli quietly. 'Indeed there is nothing in that carrion worth taking away.'

'The whiskers. Dost thou not take the whiskers?' said Gisborne, who knew how the rangers valued such things.

'I? Am I a lousy *shikarri* of the jungle to paddle with a tiger's muzzle? Let him lie. Here come his friends already.'

A dropping kite whistled shrilly overhead, as Gisborne snapped out the empty shells, and wiped his face.

'And if thou art not a *shikarri* , where didst thou learn thy knowledge of the tiger-folk?' said he. 'No tracker could have done better.'

'I hate all tigers,' said Mowgli curtly. 'Let the Sahib give me his gun to carry. Arre, it is a very fine one. And where does the Sahib go now?'

'To my house.'

'May I come? I have never yet looked within a white man's house.'

Gisborne returned to his bungalow, Mowgli striding noiselessly before him, his brown skin glistening in the sunlight.

He stared curiously at the verandah and the two chairs there, fingered the split bamboo shade curtains with suspicion, and entered, looking always behind him. Gisborne loosed a curtain to keep out the sun. It dropped with a clatter, but almost before it touched the flagging of the verandah Mowgli had leaped clear, and was standing with heaving chest in the open.

'It is a trap,' he said quickly.

Gisborne laughed. 'White men do not trap men. Indeed thou art altogether of the jungle.'

'I see,' said Mowgli, 'it has neither catch nor fall. I—I never beheld these things till to-day.'

He came in on tiptoe and stared with large eyes at the furniture of the two rooms. Abdul Gafur, who was laying lunch, looked at him with deep disgust.

'So much trouble to eat, and so much trouble to lie down after you have eaten!' said Mowgli with a grin. 'We do better in the jungle. It is very wonderful. There are very many rich things here. Is the Sahib not afraid that he may be robbed? I have never seen such wonderful things.' He was staring at a dusty Benares brass plate on a rickety bracket.

'Only a thief from the jungle would rob here,' said Abdul Gafur, setting down a plate with a clatter. Mowgli opened his eyes wide and stared at the white-bearded Mohammedan.

‘In my country when goats bleat very loud we cut their throats,’ he returned cheerfully. ‘But have no fear, thou. I am going.’

He turned and disappeared into the *rukh*. Gisborne looked after him with a laugh that ended in a little sigh. There was not much outside his regular work to interest the Forest Officer, and this son of the forest, who seemed to know tigers as other people know dogs, would have been a diversion.

‘He’s a most wonderful chap,’ thought Gisborne; ‘he’s like the illustrations in the Classical Dictionary. I wish I could have made him a gunboy. There’s no fun in shikarring alone, and this fellow would have been a perfect *shikarri*. I wonder what in the world he is.’

That evening he sat on the verandah under the stars smoking as he wondered. A puff of smoke curled from the pipebowl. As it cleared he was aware of Mowgli sitting with arms crossed on the verandah edge. A ghost could not have drifted up more noiselessly. Gisborne started and let the pipe drop.

‘There is no man to talk to out there in the *rukh*,’ said Mowgli; ‘I came here, therefore.’ He picked up the pipe and returned it to Gisborne.

‘Oh,’ said Gisborne, and after a long pause, ‘What news is there in the *rukh*? Hast thou found another tiger?’

‘The nilghai are changing their feeding-ground against the new moon, as is their custom. The pig are feeding near the Kanye river now, because they will not feed with the nilghai, and one of their sows has been killed by a leopard in the long grass at the water-head. I do not know any more.’

‘And how didst thou know all these things?’ said Gisborne, leaning forward and looking at the eyes that glittered in the starlight.

‘How should I not know? The nilghai has his custom and his use, and a child knows that pig will not feed with him.’

‘I do not know this,’ said Gisborne.

‘Tck! Tck! And thou art in charge—so the men of the huts tell me—in charge of all this *rukh*.’ He laughed to himself.

‘It is well enough to talk and to tell child’s tales,’ Gisborne retorted, nettled at the chuckle. ‘To say that this and that goes on in the *rukh*. No man can deny thee.’

‘As for the sow’s carcase, I will show thee her bones to-morrow,’ Mowgli returned, absolutely unmoved. ‘Touching the matter of the nilghai, if the Sahib will sit here very still I will drive one nilghai up to this place, and by listening to the sounds carefully, the Sahib can tell whence that nilghai has been driven.’

‘Mowgli, the jungle has made thee mad,’ said Gisborne. ‘Who can drive nilghai?’

‘Still—sit still, then. I go.’

‘Gad, the man’s a ghost!’ said Gisborne; for Mowgli had faded out into the darkness and there was no sound of feet. The *rukh* lay out in great velvety folds in the uncertain shimmer of the stardust—so still that the least little wandering wind among the tree-tops came up as the sigh of a child sleeping equably. Abdul Gafur in the cook-house was clicking plates together.

‘Be still there!’ shouted Gisborne, and composed himself to listen as a man can who is used to the stillness of the *rukh*. It had been his custom, to preserve his self-respect in his isolation, to dress for dinner each night, and the stiff white shirtfront creaked with his regular breathing till he shifted a little sideways. Then the tobacco of a somewhat foul pipe began to purr, and he threw the pipe from him. Now, except for the nightbreath in the *rukh*, everything was dumb.

From an inconceivable distance, and drawled through immeasurable darkness, came the faint, faint echo of a wolf’s howl. Then silence again for, it seemed, long hours. At last, when his legs below the knees had lost all feeling, Gisborne heard something that might have been a crash far off through the undergrowth. He doubted till it was repeated again and yet again.

‘That’s from the west,’ he muttered; ‘there’s something on foot there.’ The noise increased—crash on crash, plunge on plunge—with the thick grunting of a hotly pressed nilghai, flying in panic terror and taking no heed to his course.

A shadow blundered out from between the tree-trunks, wheeled back, turned again grunting, and with a clatter on the bare ground dashed up almost within reach of his hand. It was a bull nilghai, dripping with dew—his withers hung with a torn trail of creeper, his eyes shining in the light from the house. The creature checked at sight of the man, and fled along the edge of the *rukh* till he melted in the darkness. The first idea in Gisborne’s bewildered mind was the indecency of thus dragging out for inspection the big blue bull of the *rukh*—the putting him through his paces in the night which should have been his own.

Then said a smooth voice at his ear as he stood staring:

'He came from the water-head where he was leading the herd. From the west he came. Does the Sahib believe now, or shall I bring up the herd to be counted? The Sahib is in charge of this *rukh* .'

Mowgli had reseated himself on the verandah, breathing a little quickly. Gisborne looked at him with open mouth. 'How was that accomplished?' he said.

The Sahib saw. The bull was driven—driven as a buffalo is. Ho! ho! He will have a fine tale to tell when he returns to the herd.'

'That is a new trick to me. Canst thou run as swiftly as the nilghai, then?'

'The Sahib has seen. If the Sahib needs more knowledge at any time of the movings of the game, I, Mowgli, am here. This is a good *rukh* , and I shall stay.'

'Stay then, and if thou hast need of a meal at any time my servants shall give thee one.'

'Yes, indeed, I am fond of cooked food,' Mowgli answered quickly. 'No man may say that I do not eat boiled and roast as much as any other man. I will come for that meal. Now, on my part, I promise that the Sahib shall sleep safely in his house by night, and no thief shall break in to carry away his so rich treasures.'

The conversation ended itself on Mowgli's abrupt departure. Gisborne sat long smoking, and the upshot of his thoughts was that in Mowgli he had found at last that ideal ranger and forest-guard for whom he and the Department were always looking.

‘I must get him into the Government service somehow. A man who can drive nilghai would know more about the *rukh* than fifty men. He’s a miracle—a *lusus naturæ* —but a forest-guard he must be if he’ll only settle down in one place,’ said Gisborne.

Abdul Gafur’s opinion was less favourable. He confided to Gisborne at bedtime that strangers from God-knew-where were more than likely to be professional thieves, and that he personally did not approve of naked outcastes who had not the proper manner of addressing white people. Gisborne laughed and bade him go to his quarters, and Abdul Gafur retreated growling. Later in the night he found occasion to rise up and beat his thirteen-year-old daughter. Nobody knew the cause of dispute, but Gisborne heard the cry.

Through the days that followed Mowgli came and went like a shadow. He had established himself and his wild house-keeping close to the bungalow, but on the edge of the *rukh* , where Gisborne, going out on to the verandah for a breath of cool air, would see him sometimes sitting in the moonlight, his forehead on his knees, or lying out along the fling of a branch, closely pressed to it as some beast of the night. Thence Mowgli would throw him a salutation and bid him sleep at ease, or descending would weave prodigious stories of the manners of the beasts in the *rukh* . Once he wandered into the stables and was found looking at the horses with deep interest.

‘That,’ said Abdul Gafur pointedly, ‘is sure sign that some day he will steal one. Why, if he lives about this house, does he not take an honest employment? But no, he must wander up and down like a loose camel, turning the heads of fools and opening the jaws of the unwise to folly.’ So Abdul Gafur would give harsh orders to Mowgli

when they met, would bid him fetch water and pluck fowls, and Mowgli, laughing unconcernedly, would obey.

'He has no caste,' said Abdul Gafur. He will do anything. Look to it, Sahib, that he does not do too much. A snake is a snake, and a jungle-gipsy is a thief till the death.'

'Be silent, then,' said Gisborne. 'I allow thee to correct thy own household if there is not too much noise, because I know thy customs and use. My custom thou dost not know. The man is without doubt a little mad.'

'Very little mad indeed,' said Abdul Gafur. 'But we shall see what comes thereof.'

A few days later on his business took Gisborne into the *rukh* for three days. Abdul Gafur being old and fat was left at home. He did not approve of lying up in rangers' huts, and was inclined to levy contributions in his master's name of grain and oil and milk from those who could ill afford such benevolences. Gisborne rode off early one dawn a little vexed that his man of the woods was not at the verandah to accompany him. He liked him—liked his strength, fleetness, and silence of foot, and his ever-ready open smile; his ignorance of all forms of ceremony and salutations, and the childlike tales that he would tell (and Gisborne would credit now) of what the game was doing in the *rukh* . After an hour's riding through the greenery, he heard a rustle behind him, and Mowgli trotted at his stirrup.

'We have a three days' work toward,' said Gisborne, 'among the new trees.'

'Good,' said Mowgli. 'It is always good to cherish young trees. They make cover if the beasts leave them alone. We must shift the pig again.'

'Again? How?' Gisborne smiled.

'Oh, they were rooting and tusking among the young *sal* last night, and I drove them off. Therefore I did not come to the verandah this morning. The pig should not be on this side of the *rukh* at all. We must keep them below the head of the Kanye river.'

'If a man could herd clouds he might do that thing; but, Mowgli, if as thou sayest, thou art herder in the *rukh* for no gain and for no pay ——'

'It is the Sahib's *rukh* ,' said Mowgli, quickly looking up. Gisborne nodded thanks and went on: 'Would it not be better to work for pay from the Government? There is a pension at the end of long service.'

'Of that I have thought,' said Mowgli, 'but the rangers live in huts with shut doors, and all that is all too much a trap to me. Yet I think ——'

'Think well then and tell me later. Here we will stay for breakfast.'

Gisborne dismounted, took his morning meal from his home-made saddle-bags, and saw the day open hot above the *rukh* . Mowgli lay in the grass at his side staring up to the sky.

Presently he said in a lazy whisper: 'Sahib, is there any order at the bungalow to take out the white mare to-day.'

'No, she is fat and old and a little lame beside. Why?'

'She is being ridden now and *not* slowly on the road that runs to the railway line.'

'Bah, that is two *koss* away. It is a woodpecker.'

Mowgli put up his forearm to keep the sun out of his eyes.

'The road curves in with a big curve from the bungalow. It is not more than a *koss*, at the farthest, as the kite goes; and sound flies with the birds. Shall we see?'

'What folly! To run a *koss* in this sun to see a noise in the forest.'

'Nay, the pony is the Sahib's pony. I meant only to bring her here. If she is not the Sahib's pony, no matter. If she is, the Sahib can do what he wills. She is certainly being ridden hard.'

'And how wilt thou bring her here, madman?'

'Has the Sahib forgotten? By the road of the nilghai and no other.'

'Up then and run if thou art so full of zeal.'

'Oh, I do not run!' He put out his hand to sign for silence, and still lying on his back called aloud thrice—with a deep gurgling cry that was new to Gisborne.

'She will come,' he said at the end. 'Let us wait in the shade.' The long eyelashes drooped over the wild eyes as Mowgli began to doze in the morning hush. Gisborne waited patiently Mowgli was surely mad, but as entertaining a companion as a lonely Forest Officer could desire.

'Ho! ho!' said Mowgli lazily, with shut eyes. 'He has dropped off. Well, first the mare will come and then the man.' Then he yawned as Gisborne's pony stallion neighed. Three minutes later Gisborne's

white mare, saddled, bridled, but riderless, tore into the glade where they were sitting, and hurried to her companion.

‘She is not very warm,’ said Mowgli, ‘but in this heat the sweat comes easily. Presently we shall see her rider, for a man goes more slowly than a horse—especially if he chance to be a fat man and old.’

‘Allah! This is the devil’s work,’ cried Gisborne leaping to his feet, for he heard a yell in the jungle.

‘Have no care, Sahib. He will not be hurt. He also will say that it is devil’s work. Ah! Listen! Who is that?’

It was the voice of Abdul Gafur in an agony of terror, crying out upon unknown things to spare him and his gray hairs.

‘Nay, I cannot move another step,’ he howled. ‘I am old and my turban is lost. Arré! Arré! But I will move. Indeed I will hasten. I will run! Oh, Devils of the Pit, I am a Mussulman!’

The undergrowth parted and gave up Abdul Gafur, turbanless, shoeless, with his waist-cloth unbound, mud and grass in his clutched hands, and his face purple. He saw Gisborne, yelled anew, and pitched forward, exhausted and quivering, at his feet. Mowgli watched him with a sweet smile.

‘This is no joke,’ said Gisborne sternly. ‘The man is like to die, Mowgli.’

‘He will not die. He is only afraid. There was no need that he should have come out of a walk.’

Abdul Gafur groaned and rose up, shaking in every limb.

‘It was witchcraft—witchcraft and devildom! ‘ he sobbed, fumbling with his hand in his breast. ‘Because of my sin I have been whipped through the woods by devils. It is all finished. I repent. Take them, Sahib!’ He held out a roll of dirty paper.

‘What is the meaning of this, Abdul Gafur?’ said Gisborne, already knowing what would come.

‘Put me in the jail-khana—the notes are all here—but lock me up safely that no devils may follow. I have sinned against the Sahib and his salt which I have eaten; and but for those accursed wood-demons, I might have bought land afar off and lived in peace all my days.’ He beat his head upon the ground in an agony of despair and mortification. Gisborne turned the roll of notes over and over. It was his accumulated back-pay for the last nine months—the roll that lay in the drawer with the home-letters and the recapping machine. Mowgli watched Abdul Gafur, laughing noiselessly to himself. ‘There is no need to put me on the horse again. I will walk home slowly with the Sahib, and then he can send me under guard to the jail-khana. The Government gives many years for this offence,’ said the butler sullenly.

Loneliness in the *rukh* affects very many ideas about very many things. Gisborne stared at Abdul Gafur, remembering that he was a very good servant, and that a new butler must be broken into the ways of the house from the beginning, and at the best would be a new face and a new tongue.

‘Listen, Abdul Gafur,’ he said. ‘Thou hast done great wrong, and altogether lost thy *izzat* and thy reputation. But I think that this came upon thee suddenly.’

‘Allah! I had never desired the notes before. The Evil took me by the throat while I looked.’

‘That also I can believe. Go then back to my house, and when I return I will send the notes by a runner to the Bank, and there shall be no more said. Thou art too old for the jail-khana. Also thy household is guiltless.’

For answer Abdul Gafur sobbed between Gisborne’s cowhide riding-boots.

‘Is there no dismissal then?’ he gulped.

‘That we shall see. It hangs upon thy conduct when we return. Get upon the mare and ride slowly back.’

‘But the devils! The *rukh* is full of devils.’

‘No matter, my father. They will do thee no more harm unless, indeed, the Sahib’s orders be not obeyed,’ said Mowgli. ‘Then, perchance, they may drive thee home—by the road of the nilghai.’

Abdul Gafur’s lower jaw dropped as he twisted up his waist-cloth, staring at Mowgli.

‘Are they *his* devils? His devils! And I had thought to return and lay the blame upon this warlock!’

‘That was well thought of, Huzrut; but before we make a trap we see first how big the game is that may fall into it. Now I thought no more than that a man had taken one of the Sahib’s horses. I did not know that the design was to make me a thief before the Sahib, or my devils had haled thee here by the leg. It is not too late now.’

Mowgli looked inquiringly at Gisborne; but Abdul Gafur waddled hastily to the white mare, scrambled on her back and fled, the woodways crashing and echoing behind him.

‘That was well done,’ said Mowgli. ‘But he will fall again unless he holds by the mane.’

‘Now it is time to tell me what these things mean,’ said Gisborne a little sternly. ‘What is this talk of thy devils? How can men be driven up and down the *rukh* like cattle? Give answer.’

‘Is the Sahib angry because I have saved him his money?’

‘No, but there is trick-work in this that does not please me.’

‘Very good. Now if I rose and stepped three paces into the *rukh* there is no one, not even the Sahib, could find me till I choose. As I would not willingly do this, so I would not willingly tell. Have patience a little, Sahib, and some day I will show thee everything, for, if thou wilt, some day we will drive the buck together. There is no devil-work in the matter at all. Only … I know the *rukh* as a man knows the cooking-place in his house.’

Mowgli was speaking as he would speak to an impatient child. Gisborne, puzzled, baffled, and a great deal annoyed, said nothing, but stared on the ground and thought. When he looked up the man of the woods had gone.

‘It is not good,’ said a level voice from the thicket, ‘for friends to be angry. Wait till the evening, Sahib, when the air cools.’

Left to himself thus, dropped as it were in the heart of the *rukh* , Gisborne swore, then laughed, remounted his pony, and rode on. He visited a ranger’s hut, overlooked a couple of new plantations, left

some orders as to the burning of a patch of dry grass, and set out for a camping-ground of his own choice, a pile of splintered rocks roughly roofed over with branches and leaves, not far from the banks of the Kanye stream. It was twilight when he came in sight of his resting-place, and the *rukh* was waking to the hushed ravenous life of the night.

A camp-fire flickered on the knoll, and there was the smell of a very good dinner in the wind.

'Um,' said Gisborne, 'that's better than cold meat at any rate. Now the only man who'd be likely to be here'd be Muller, and, officially, he ought to be looking over the Changamanga *rukh*. I suppose that's why he's on my ground.'

The gigantic German who was the head of the Woods and Forests of all India, Head Ranger from Burma to Bombay, had a habit of flitting batlike without warning from one place to another, and turning up exactly where he was least looked for. His theory was that sudden visitations, the discovery of shortcomings and a word-of-mouth upbraiding of a subordinate were infinitely better than the slow processes of correspondence, which might end in a written and official reprimand—a thing in after years to be counted against a Forest Officer's record. As he explained it: 'If I only talk to my boys like a Dutch uncle, dey say, "It was only dot damned old Muller," and dey do better next dime. But if my fat-head clerk he write and say dot Muller der Inspecdor-General fail to onderstand and is much annoyed, first dot does no goot because I am not dere, and, second, der fool dot comes after me he may say to my best boys: "Look here,

you haf been wigged by my bredecessor." I tell you der big brass-hat pizness does not make der trees grow.'

Muller's deep voice was coming out of the darkness behind the firelight as he bent over the shoulders of his pet cook. 'Not so much sauce, you son of Belial! Worcester sauce he is a gondiment and not a fluid. Ah, Gisborne, you haf come to a very bad dinner. Where is your camp?' and he walked up to shake hands.

'I'm the camp, sir,' said Gisborne. 'I didn't know you were about here.'

Muller looked at the young man's trim figure. 'Goot! That is very goot! One horse and some cold things to eat. When I was young I did my camp so. Now you shall dine with me. I went into Headquarters to make up my rebort last month. I haf written half—ho! ho!—and der rest I haf leaved to my glerks and come out for a walk. Der Government is mad about dose reborts. I dold der Viceroy so at Simla.'

Gisborne chuckled, remembering the many tales that were told of Muller's conflicts with the Supreme Government. He was the chartered libertine of all the offices, for as a Forest Officer he had no equal.

'If I find you, Gisborne, sitting in your bungalow and hatching reborts to me about der blantations instead of riding der blantations, I will dransfer you to der middle of der Bikaneer Desert to reforest *him* . I am sick of reborts and chewing paper when we should do our work.'

‘There’s not much danger of my wasting time over my annuals. I hate them as much as you do, sir.’

The talk went over at this point to professional matters. Muller had some questions to ask, and Gisborne orders and hints to receive, till dinner was ready. It was the most civilised meal Gisborne had eaten for months. No distance from the base of supplies was allowed to interfere with the work of Muller’s cook; and that table spread in the wilderness began with devilled small fresh-water fish, and ended with coffee and cognac.

‘Ah!’ said Muller at the end, with a sigh of satisfaction as he lighted a cheroot and dropped into his much worn campchair. ‘When I am making reborts I am Freethinker und Atheist, but here in der *rukh* I am more than Christian. I am Bagan also.’ He rolled the cheroot-butt luxuriously under his tongue, dropped his hands on his knees, and stared before him into the dim shifting heart of the *rukh*, full of stealthy noises; the snapping of twigs like the snapping of the fire behind him; the sigh and rustle of a heat-bended branch recovering her straightness in the cool night; the incessant mutter of the Kanye stream, and the undernote of the many-peopled grass uplands out of sight beyond a swell of hill. He blew out a thick puff of smoke, and began to quote Heine to himself.

‘Yes, it is very goot. Very goot. “Yes, I work miracles, and, by Gott, dey come off too.” I remember when dere was no *rukh* more big than your knee, from here to der plough-lands, and in drought-time der cattle ate bones of dead cattle up und down. Now der trees haf come back. Dey were planted by a Freethinker, because he know just de cause dot made der effect. But der trees dey had der cult of der old

gods—“und der Christian Gods howl loudly.” Dey could not live in der *rukh* , Gisborne.’

A shadow moved in one of the bridle-paths—moved and stepped out into the starlight.

‘I haf said true. Hush! Here is Faunus himself come to see der Insbector-General. Himmel, he is der god! Look!’

It was Mowgli, crowned with his wreath of white flowers and walking with a half-peeled branch—Mowgli, very mistrustful of the fire-light and ready to fly back to the thicket on the least alarm.

‘That’s a friend of mine,’ said Gisborne. ‘ He’s looking for me. Ohé, Mowgli!’

Muller had barely time to gasp before the man was at Gisborne’s side, crying: ‘I was wrong to go. I was wrong, but I did not know then that the mate of him that was killed by this river was awake looking for thee. Else I should not have gone away. She tracked thee from the back-range, Sahib.’

‘He is a little mad,’ said Gisborne, ‘and he speaks of all the beasts about here as if he was a friend of theirs.’

‘Of course—of course. If Faunus does not know, who should know?’ said Muller gravely. ‘What does he say about tigers—dis god who knows you so well?’

Gisborne relighted his cheroot, and before he had finished the story of Mowgli and his exploits it was burned down to moustache-edge. Muller listened without interruption. ‘Dot is not madness,’ he said at last when Gisborne had described the driving of Abdul Gafur. ‘Dot is not madness at all.’

‘What is it, then? He left me in a temper this morning because I asked him to tell how he did it. I fancy the chap’s possessed in some way.’

‘No, dere is no bossession, but it is most wonderful. Normally they die young—dese beople. Und you say now dot your thief-servant did not say what drove der poney, and of course der nilghai he could not speak.’

‘No, but, confound it, there wasn’t anything. I listened, and I can hear most things. The bull and the man simply came headlong—mad with fright.’

For answer Muller looked Mowgli up and down from head to foot, then beckoned him nearer. He came as a buck treads a tainted trail.

‘There is no harm,’ said Muller in the vernacular. ‘Hold out an arm.’

He ran his hand down to the elbow, felt that, and nodded. ‘So I thought. Now the knee.’ Gisborne saw him feel the knee-cap and smile. Two or three white scars just above the ankle caught his eye.

‘Those came when thou wast very young?’ he said.

‘Ay,’ Mowgli answered with a smile. ‘They were love-tokens from the little ones.’ Then to Gisborne over his shoulder. ‘This Sahib knows everything. Who is he?’

‘That comes after, my friend. Now where are *they* ?’ said Muller.

Mowgli swept his hand round his head in a circle.

'So! And thou canst drive nilghai? See! There is my mare in her pickets. Canst thou bring her to me without frightening her?'

'Can I bring the mare to the Sahib without frightening her!' Mowgli repeated, raising his voice a little above its normal pitch. 'What is more easy if the heel-ropes are loose?'

'Loosen the head and heel-pegs,' shouted Muller to the groom. They were hardly out of the ground before the mare, a huge black Australian, flung up her head and cocked her ears.

'Careful! I do not wish her driven into the *rukh*,' said Muller.

Mowgli stood still fronting the blaze of the fire—in the very form and likeness of that Greek god who is so lavishly described in the novels. The mare whickered, drew up one hind leg, found that the heel-ropes were free, and moved swiftly to her master, on whose bosom she dropped her head, sweating lightly.

'She came of her own accord. My horses will do that,' cried Gisborne.

'Feel if she sweats,' said Mowgli.

Gisborne laid a hand on the damp flank.

'It is enough,' said Muller.

'It is enough,' Mowgli repeated, and a rock behind him threw back the word.

'That's uncanny, isn't it?' said Gisborne.

'No, only wonderful—most wonderful. Still you do not know, Gisborne?'

'I confess I don't.'

‘Well then, I shall not tell. He says dot some day he will show you what it is. It would be gruel if I told. But why he is not dead I do not understand. Now listen thou.’ Muller faced Mowgli, and returned to the vernacular. ‘I am the head of all the *rukhs* in the country of India and others across the Black Water. I do not know how many men be under me—perhaps five thousand, perhaps ten. Thy business is this,—to wander no more up and down the *rukh* and drive beasts for sport or for show, but to take service under me, who am the Government in the matter of Woods and Forests, and to live in this *rukh* as a forest-guard; to drive the villagers’ goats away when there is no order to feed them in the *rukh* ; to admit them when there is an order; to keep down, as thou canst keep down, the boar and the nilghai when they become too many; to tell Gisborne Sahib how and where tigers move, and what game there is in the forests; and to give sure warning of all the fires in the *rukh* , for thou canst give warning more quickly than any other. For that work there is a payment each month in silver, and at the end, when thou hast gathered a wife and cattle and, may be, children, a pension. What answer?’

‘That’s just what I——’ Gisborne began.

‘My Sahib spoke this morning of such a service. I walked all day alone considering the matter, and my answer is ready here. I serve, *if* I serve in this *rukh* and no other; *with* Gisborne Sahib and with no other.’

‘It shall be so. In a week comes the written order that pledges the honour of the Government for the pension. After that thou wilt take up thy hut where Gisborne Sahib shall appoint.’

‘I was going to speak to you about it,’ said Gisborne.

'I did not want to be told when I saw that man. Dere will never be a forest-guard like him. He is a miracle. I tell you, Gisborne, some day you will find it so. Listen, he is blood-brother to every beast in der *rukh* !'

'I should be easier in my mind if I could understand him.'

'Dot will come. Now I tell you dot only once in my service, and dot is thirty years, haf I met a boy dot began as this man began. Und he died. Sometimes you hear of dem in der census reports, but dey all die. Dis man haf lived, and he is an anachronism, for he is before der Iron Age, and der Stone Age. Look here, he is at der beginnings of der history of man—Adam in der Garden, and now we want only an Eva! No! He is older than dot child-tale, shust as der *rukh* is older dan der gods. Gisborne, I am a Bagan now, once for all.'

Through the rest of the long evening Muller sat smoking and smoking, and staring and staring into the darkness, his lips moving in multiplied quotations, and great wonder upon his face. He went to his tent, but presently came out again in his majestic pink sleeping-suit, and the last words that Gisborne heard him address to the *rukh* through the deep hush of midnight were these, delivered with immense emphasis:—

> 'Dough we shivt und bedeck und bedrape us,
>   Dou art noble und nude und andeek;
> Libidina dy moder, Briapus
>   Dy fader, a God und a Greek.
>
> Now I know dot, Bagan or Christian, I shall nefer know der inwardness of der *rukh* !'

. . . . .

It was midnight in the bungalow a week later when Abdul Gafur, ashy gray with rage, stood at the foot of Gisborne's bed and whispering bade him awake.

'Up, Sahib,' he stammered. 'Up and bring thy gun. Mine honour is gone. Up and kill before any see.'

The old man's face had changed, so that Gisborne stared stupidly.

'It was for this, then, that that jungle outcaste helped me to polish the Sahib's table, and drew water and plucked fowls. They have gone off together for all my beatings, and now he sits among his devils dragging her soul to the Pit. Up, Sahib, and come with me!'

He thrust a rifle into Gisborne's half-wakened hand and almost dragged him from the room on to the verandah.

'They are there in the *rukh* ; even within gunshot of the house. Come softly with me.'

'But what is it? What is the trouble, Abdul?'

'Mowgli, and his devils. Also my own daughter,' said Abdul Gafur. Gisborne whistled and followed his guide. Not for nothing, he knew, had Abdul Gafur beaten his daughter of nights, and not for nothing had Mowgli helped in the housework a man whom his own powers, whatever those were, had convicted of theft. Also, a forest wooing goes quickly.

There was the breathing of a flute in the *rukh* , as it might have been the song of some wandering wood-god, and, as they came nearer, a murmur of voices. The path ended in a little semicircular

glade walled partly by high grass and partly by trees. In the centre, upon a fallen trunk, his back to the watchers and his arm round the neck of Abdul Gafur's daughter, sat Mowgli, newly crowned with flowers, playing upon a rude bamboo flute, to whose music four huge wolves danced solemnly on their hind legs.

'Those are his devils,' Abdul Gafur whispered. He held a bunch of cartridges in his hand. The beasts dropped to a longdrawn quavering note and lay still with steady green eyes, glaring at the girl.

'Behold,' said Mowgli, laying aside the flute. 'Is there anything of fear in that? I told thee, little Stout-heart, that there was not, and thou didst believe. Thy father said—and oh, if thou couldst have seen thy father being driven by the road of the nilghai!—thy father said that they were devils; and by Allah, who is thy God, I do not wonder that he so believed.'

The girl laughed a little rippling laugh, and Gisborne heard Abdul grind his few remaining teeth. This was not at all the girl that Gisborne had seen with a half-eye slinking about the compound veiled and silent, but another—a woman full blown in a night as the orchid puts out in an hour's moist heat.

'But they are my playmates and my brothers, children of that mother that gave me suck, as I told thee behind the cookhouse,' Mowgli went on. 'Children of the father that lay between me and the cold at the mouth of the cave when I was a little naked child. Look'—a wolf raised his gray jowl, slavering at Mowgli's knee—'my brother knows that I speak of them. Yes, when I was a little child he was a cub rolling with me on the clay.'

‘But thou hast said that thou art human-born,’ cooed the girl, nestling closer to the shoulder. ‘Thou art human-born?’

‘Said! Nay, I know that I am human born, because my heart is in thy hold, little one.’ Her head dropped under Mowgli’s chin. Gisborne put up a warning hand to restrain Abdul Gafur, who was not in the least impressed by the wonder of the sight.

‘But I was a wolf among wolves none the less till a time came when Those of the jungle bade me go because I was a man.’

‘Who bade thee go? That is not like a true man’s talk.’

‘The very beasts themselves. Little one, thou wouldst never believe that telling, but so it was. The beasts of the jungle bade me go, but these four followed me because I was their brother. Then was I a herder of cattle among men, having learned their language. Ho! ho! The herds paid toll to my brothers, till a woman, an old woman, beloved, saw me playing by night with my brethren in the crops. They said that I was possessed of devils, and drove me from that village with sticks and stones, and the four came with me by stealth and not openly. That was when I had learned to eat cooked meat and to talk boldly. From village to village I went, heart of my heart, a herder of cattle, a tender of buffaloes, a tracker of game, but there was no man that dared lift a finger against me twice.’ He stooped down and patted one of the heads. ‘Do thou also like this. There is neither hurt nor magic in them. See, they know thee.’

‘The woods are full of all manner of devils,’ said the girl with a shudder.

‘A lie. A child’s lie,’ Mowgli returned confidently. ‘I have lain out in the dew under the stars and in the dark night, and I know. The jungle is my house. Shall a man fear his own roof-beams or a woman her man’s hearth? Stoop down and pat them.’

‘They are dogs and unclean,’ she murmured, bending forward with averted head.

‘Having eaten the fruit, now we remember the Law!’ said Abdul Gafur bitterly. ‘What is the need of this waiting, Sahib? Kill!’

‘H’sh, thou. Let us learn what has happened,’ said Gisborne.

‘That is well done,’ said Mowgli, slipping his arm round the girl again. ‘Dogs or no dogs, they were with me through a thousand villages.’

‘Ahi, and where was thy heart then? Through a thousand villages. Thou hast seen a thousand maids. I—that am—that am a maid no more, have I thy heart?’

‘What shall I swear by? By Allah, of whom thou speakest?’

‘Nay, by the life that is in thee, and I am well content. Where was thy heart in those days?’

Mowgli laughed a little. ‘In my belly, because I was young and always hungry. So I learned to track and to hunt, sending and calling my brothers back and forth as a king calls his armies. Therefore I drove the nilghai for the foolish young Sahib, and the big fat mare for the big fat Sahib, when they questioned my power. It were as easy to have driven the men themselves. Even now,’ his voice lifted a little —‘even now I know that behind me stand thy father and Gisborne Sahib. Nay, do not run, for no ten men dare move a pace forward.

Remembering that thy father beat thee more than once, shall I give the word and drive him again in rings through the *rukh* ?' A wolf stood up with bared teeth.

Gisborne felt Abdul Gafur tremble at his side. Next, his place was empty, and the fat man was skimming down the glade.

'Remains only Gisborne Sahib,' said Mowgli, still without turning; 'but I have eaten Gisborne Sahib's bread, and presently I shall be in his service, and my brothers will be his servants to drive game and carry the news. Hide thou in the grass.'

The girl fled, the tall grass closed behind her and the guardian wolf that followed, and Mowgli turning with his three retainers faced Gisborne as the Forest Officer came forward.

'That is all the magic,' he said, pointing to the three. 'The fat Sahib knew that we who are bred among wolves run on our elbows and our knees for a season. Feeling my arms and legs, he felt the truth which thou didst not know. Is it so wonderful, Sahib?'

'Indeed it is all more wonderful than magic. These then drove the nilghai?'

'Ay, as they would drive Eblis if I gave the order. They are my eyes and feet to me.'

'Look to it, then, that Eblis does not carry a double rifle. They have yet something to learn, thy devils, for they stand one behind the other, so that two shots would kill the three.'

'Ah, but they know they will be thy servants as soon as I am a forest-guard.'

‘Guard or no guard, Mowgli, thou hast done a great shame to Abdul Gafur. Thou hast dishonoured his house and blackened his face.’

‘For that, it was blackened when he took thy money, and made blacker still when he whispered in thy ear a little while since to kill a naked man. I myself will talk to Abdul Gafur, for I am a man of the Government service, with a pension. He shall make the marriage by whatsoever rite he will, or he shall run once more. I will speak to him in the dawn. For the rest, the Sahib has his house and this is mine. It is time to sleep again, Sahib.’

Mowgli turned on his heel and disappeared into the grass, leaving Gisborne alone. The hint of the wood-god was not to be mistaken; and Gisborne went back to the bungalow, where Abdul Gafur, torn by rage and fear, was raving in the verandah.

‘Peace, peace,’ said Gisborne, shaking him, for he looked as though he were going to have a fit. ‘Muller Sahib has made the man a forest-guard, and as thou knowest there is a pension at the end of that business, and it is Government service.’

‘He is an outcaste—a *mlech* —a dog among dogs; an eater of carrion! What pension can pay for that?’

‘Allah knows; and thou hast heard that the mischief is done. Wouldst thou blaze it to all the other servants ? Make the *shadi* swiftly, and the girl will make him a Mussulman. He is very comely. Canst thou wonder that after thy beatings she went to him?’

‘Did he say that he would chase me with his beasts?’

‘So it seemed to me. If he be a wizard, he is at least a very strong one.’

Abdul Gafur thought awhile, and then broke down and howled, forgetting that he was a Mussulman:—

‘Thou art a Brahmin. I am thy cow. Make thou the matter plain, and save my honour if it can be saved!’

A second time then Gisborne plunged into the *rukh* and called Mowgli. The answer came from high overhead, and in no submissive tones.

‘Speak softly,’ said Gisborne, looking up. ‘There is yet time to strip thee of thy place and hunt thee with thy wolves. The girl must go back to her father’s house tonight. To-morrow there will be the *shadi* , by the Mussulman law, and then thou canst take her away. Bring her to Abdul Gafur.’

‘I hear.’ There was a murmur of two voices conferring among the leaves. ‘Also, we will obey—for the last time.’

. . . . .

A year later Muller and Gisborne were riding through the *rukh* together, talking of their business. They came out among the rocks near the Kanye stream; Muller riding a little in advance. Under the shade of a thorn thicket sprawled a naked brown baby, and from the brake immediately behind him peered the head of a gray wolf. Gisborne had just time to strike up Muller’s rifle, and the bullet tore spattering through the branches above.

‘Are you mad?’ thundered Muller. ‘Look!’

‘I see,’ said Gisborne quietly. ‘The mother’s somewhere near. You’ll wake the whole pack, by Jove!’

The bushes parted once more, and a woman unveiled snatched up the child.

‘Who fired, Sahib?’ she cried to Gisborne.

‘This Sahib. He had not remembered thy man’s people.’

‘Not remembered? But indeed it may be so, for we who live with them forget that they are strangers at all. Mowgli is down the stream catching fish. Does the Sahib wish to see him? Come out, ye lacking manners. Come out of the bushes, and make your service to the Sahibs.’

Muller’s eyes grew rounder and rounder. He swung himself off the plunging mare and dismounted, while the jungle gave up four wolves who fawned round Gisborne. The mother stood nursing her child and spurning them aside as they brushed against her bare feet.

‘You were quite right about Mowgli,’ said Gisborne. ‘I meant to have told you, but I’ve got so used to these fellows in the last twelve months that it slipped my mind.’

‘Oh, don’t apologise,’ said Muller. ‘It’s nothing. Gott in Himmel! “Und I work miracles—und dey come off too!”’

Notas

[1] As rukhs eram áreas reflorestadas controladas pelo Império Britânico na Índia. Eram utilizadas para extração de madeira e outras demandas da época. Em híndi, o termo rūkh (que pode ser traduzido por "árvore") vem da palavra panjabi rakkhna, que significa "guardar" ou "preservar".

[2] Cidade francesa onde foi fundada a Escola Nacional de Conservação de Florestas, em 1824.

[3] Árvore (Tectona grandis) nativa da Índia, da família das labiadas. Apresenta folhas opostas e flores brancas em panículas terminais.

[4] Termo em híndi para caça como esporte.

[5] Durante a colonização britânica na Índia (o British Raj, que durou de 1858 a 1947), os povos dominados referiam-se ao dominador inglês e branco como sahib , palavra que pode ser traduzida por "senhor" ou "mestre". Tal tratamento era especialmente utilizado quando um nativo se dirigia aos funcionários do governo britânico. O termo veio originalmente do árabe (ṣāḥib), passou pelo urdu (ṣāḥib) e chegou ao vocábulo em híndi (sahib).

[6] Termo em híndi para caçador.

[7] Benares, também conhecida como Varanasi, fica na margem esquerda do rio Ganges, no norte da Índia. É uma das sete cidades sagradas do hinduísmo. As peças decorativas de latão dessa região são famosas.

[8] Expressão em latim que pode ser traduzida como “aberração da natureza”.

[9] Termo em híndi que significa respeito perante a sociedade.

[10] Modo respeitoso de se dirigir a um nobre, em híndi.

[11] O Oceano Índico.

[12] Indivíduo sem casta, bárbaro, estrangeiro.

JOSEPH RUDYARD KIPLING

Nasceu em Bombaim (Mumbai), em 30 de dezembro de 1865, e morreu em Londres, em 18 de janeiro de 1936. Autor de poemas, contos, ensaios e romances, recebeu o Nobel de Literatura em 1907. Admirado por T. S. Elliot e Jorge Luis Borges, Kipling foi porta-voz do ideal imperial britânico e repórter da presença de cidadãos e soldados do Reino Unido na Índia e outros países ao final do século 19.

CLUBE DO LIVRO PARA LEITORES EXTRAORDINÁRIOS

Este livro em suas mãos é o resultado de muitas horas de trabalho dos colaboradores e voluntários do Instituto Mojo. Se você está lendo este texto, significa que alguém se associou ou fez uma doação ao projeto Domínio [ao] Público e escolheu receber este livro. Nosso objetivo é fazer com que Livros Extraordinários do mundo todo — que muitos também chamam de "clássicos" — fiquem ao alcance da comunidade de leitores da língua portuguesa.

domínio
ao público

Para isso, duas coisas são imprescindíveis. A primeira é que a adaptação dessas obras deve ser extremamente atenciosa, feita para os leitores do Século 21. A segunda, é que, para cobrir os custos editoriais, precisamos de pelo menos mil Leitores Extraordinários associados doando o valor mínimo para cada Livro Extraordinário impresso: exatamente este livro que está em suas mãos.

É assim que conseguiremos, um pouco mais a cada mês, possibilitar àqueles que antes não podiam comprar uma obra extraordinária como esta tenham acesso à sua versão digital absolutamente de graça. Nossas publicações podem ser utilizadas livremente em escolas públicas e privadas, comunidades de todo o tipo; podem ser acessadas em smartphones, tablets, ebooks e computadores; podem ser compartilhadas, impressas, copiadas e estudadas por qualquer pessoa ou instituição, mas nunca poderão ser comercializadas.

CONHECER UM MUNDO EXTRAORDINÁRIO NA VIDA É DIREITO DE TODOS.

LUTAMOS PELO DIREITO E ACESSO IRRESTRITO AOS BENS DO DOMÍNIO PÚBLICO.

DE DOMÍNIO PÚBLICO PARA DOMÍNIO [AO] PÚBLICO

> Que você faça o bem e não o mal.
>
> Que você seja perdoado e que perdoe aos outros.
>
> Que você compartilhe livremente, nunca tomando mais do que está dando.

As obras da literatura mundial em Domínio Público, embora sejam de livre acesso, precisam ser adaptadas para o nosso idioma. Peter Pan fala inglês, Pinocchio fala italiano, 20 mil léguas submarinas está em francês. Assim, como um brasileiro poderia ler essas obras? Há traduções e edições digitais, piratas e amadoras, em diversos sites. Por ser um trabalho intelectual, qualquer tradução passa, com toda justiça, a ser propriedade dos tradutores ou editores. Assim, livros já liberados há muito tempo continuam distantes do público — seja pelo meio ou pelo idioma. Só resta como alternativa adquirir essas obras nas lojas online e livrarias. A democratização do Domínio Público é o livre acesso daquela criança ávida mas sem recursos. Por isso o Instituto Mojo criou o projeto Domínio [ao] Público.

COMO FUNCIONA

O Instituto Mojo é uma iniciativa social, sem fins lucrativos. O CLLE é o meio que encontramos para publicar livros digitais em Domínio Público gratuitamente em português. A fórmula é simples:

1. DOMÍNIO PÚBLICO

É quando uma obra não tem mais que pagar direitos autorais ao seu criador e está livre para acesso público.

2. TRADUÇÃO E EDIÇÃO

Os Livros Extraordinários precisam estar disponíveis para todos. Por isso, a Mojo traduz e edita obras em Domínio Público.

3. CLUBE DO LIVRO PARA LEITORES EXTRAORDINÁRIOS

Criado para financiar esse trabalho, publica as obras em formato impresso, ilustradas, com capa dura, texto integral e extremo cuidado editorial e gráfico.

4. DOMÍNIO [AO] PÚBLICO

É o site onde livros digitais, ensaios, artigos e outros conteúdos livres podem ser acessados por qualquer pessoa.

Agradecimentos: André Binhardi, Bruno Girello, Delfin, Daniel Sasso, Michel D’Angelo, Olivia M. Giassetti, Ronaldo Gomes Ferreira, Thiago Fogaça, Vinícius Aguiar, Walter Pax, Willian Galdino, Zenaide Febbo.

contato@mojo.org.br

CNPJ: 30.726.775/0001-00

PROGRAMA DOMÍNIO [AO] PÚBLICO DA MOJO

A **Mojo.org** dissemina conhecimento e fomenta escrita e leitura para todos. O **Domínio [ao] Público** é um programa que publica livros

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

...

EXPEDIENTE

Dentro da Rukh de Rudyard Kipling

Edição bilíngue português-inglês.

Texto integral sem adaptação.

Tradução: Ricardo Giassetti

Edição: Renato Roschel e S. Lobo

Revisão: Ana Barbosa

Ilustração: Andre Ducci

Direção de arte e lettering : Cyla Costa

Revisão: Ana Barbosa e Gabriel Naldi

Editoração EPUB: Fernando Ribeiro

1ª edição, São Paulo, 30 de julho de 2018.

Atualize-se sobre novas edições deste ebook, conheça outros títulos ou faça o download para outros sistemas de ereading em: https://dominioaopublico.org.br/ebooks/o-livro-da-selva/